

JOÃO DAS CHAGAS

(ISMAEL COUTINHO)

**Contos
Ingênuos**

E OUTROS TEXTOS INÉDITOS

Rio de Janeiro
2011

BREVE APRESENTAÇÃO PRÉVIA

Foram encontrados seis contos anotados ou revisados pelo autor, inclusive com um índice (cuja folha se partiu, perdendo-se a segunda metade), em que eles são relacionados para uma possível publicação, sob o pseudônimo de João das Chagas.

Fizemos sua transcrição, com a atualização ortográfica e anotações sobre o estado dos respectivos manuscritos (rasuras, emendas etc.).

Também foram transcritos aqui cinco textos menores, que me parecem ser rascunhos ou primeiras versões de crônicas que podem ter sido publicadas em algum jornal da época.

Dessas crônicas, apenas uma foi escrita a tinta. Escritas a lápis, sinal de que não estão em sua forma definitiva, há também outras anotações em uma das folhas de papel almaço em que um deles foi escrito.

JOÃO DAS CHAGAS (ISMAEL COUTINHO)

SUMÁRIO

Contos

1. A Pedra Lisa	03
2. O Dourado	22
O Velho Tropeiro	23
3. Tio Jacinto	38
4. O Benedito	49
5. O Negro Eugênio	59
6. O Santo Eremita	69
7. Almas penadas [incompleto]	81

Crônicas

1. Um Naufrágio	85
2. Um Incêndio	88
3. O Sol	91
4. Minha Terra	95
5. O Mar	9

A PEDRA LISA

Naquele tempo, a fazenda da Pedra Lisa não era o carascal que hoje se contempla com desolação.

No cimo do outeiro, toda caiada de branco, como uma garça alvadia prestes a desferir o voo, constituía para os escravos, um justo motivo de orgulho, quando, de volta das leiras, a descortinavam ao longe, alvejando muito¹ branca, à luz frouxa do ocaso.

Não havia, num raio de dez léguas em redor, outra que fosse tão bem instalada.

Os olhos cobiçosos dos senhores das herdades vizinhas quedavam estarecidos, admirando-a em silêncio. Sempre que se falava, na roda dos cavaqueadores, em terrenos bem cultivados, lá vinham, em primeira plana, os da Pedra Lisa.

Surpreendê-la à luz clara de uma manhã de sol, era assistir ao espetáculo completo da vida campestre, nas suas várias modalidades.

¹ No manuscrito parece estar escrito *muita*.

Escravos desciam o outeiro, com as enxadas ao ombro, em caminho da lavoura, cantando; zagais, de longos cajados e de barjoletas a tiracolo, tangiam o rebanho para o pastoreio, evocando na frauta agreste os gênios incultos dos campos; carreiros em aboios, atrelavam, no curral, os bois pacientes para a faina diária; almocreves, às upas, sobre garranos mal aderçados, congregavam, no terreiro, os muares cadimos, para as longas caminhadas. E toda a fazenda se agitava num movimento incessante de vida e de trabalho.

O engenho de serra, no seu afã contínuo de fender os grossos troncos, rascava, à pressão da água, polvilhando o ar morno de uma poeira fina de madeira serrada.

A cana, premida pelas possantes moendas, tinha contrações espasmódicas de gemidos, abafados, a espaços, pelas canções dolentes dos serviçais do picadeiro.

Nas calhas, rumorejava, defluindo apressada, a garapa espumante.

Das tachas efervescentes, que as escumadeiras afanosas remexiam, elevava-se um cheiro ativo de melado. E o alambique, aos gorgolejos, destilava a aguardente, a mais afamada aguardente da redondeza.

Nas estradas, chiavam os carros, ao passo ronceiro dos bois anafados, povoando de sons fortes e sonoros a calma agreste das matas virgens.

As tropas, chocalhando os guizos barulhentos que afugentavam as aves, subiam as íngremes ladeiras, aprofundando carreiros, em demanda do arraial próximo.

Em torno do bagaço, cheio do zumbido de álulas² multi-cores, que formava, ao lado do engenho, pequenos cômoros, comprimiam-se, azafamadas, as vacas leiteiras, de ubres grandes e pojados, e as ovelhinhas mansas que, à simples voz do pegureiro, seguiam, dóceis e cabisbaixas, para os pascigos verdejantes.

Barbatões anejos desgarravam, abandonando as brenhas versudas, e saíam aos descampados, farejando demoradamente o ar, em espreguiçamentos de moleza, ou arrancavam, em carreira desabalada, corcoveando aos berros, pelos chapadões silenciosos.

Os passarinhos noivavam no beiral da tulha, bem provida e farta, e andavam a fariscar tão despreocupados o terreiro, que não temiam a presença do homem.

A água, correndo na levada, em frisos irisados, sobre leito de cascalhos luzidios, sonorizava as horas taciturnas do descanso.

À tarde, toda a fazenda vibrava ao mesmo tom festivo de vida e de trabalho. Carreiros chegavam, brandindo as longas aguilhadas; almocreves abaçanados, zurzindo as recovas recalitrantes; pastores pacientes, tangendo, com os compridos

² Foram rasuradas as palavras *de insetos*, que seguiam à palavra *álulas*.

báculos, o armento vagaroso; seareiros esbaforidos, de passo lerto, com os marracos negligentemente pousados ao ombro.

Patrão Velho esperava-os no alpendre, com a sua bonomia proverbial de velho bonachão, para lhes transmitir as ordens relativas ao serviço do dia seguinte. Depois os despedia com as suas melhores bênçãos.

Não havia pai mais solícito para os seus filhos do que patrão para os seus escravos. Mal sabia que algum enfermara – e isso era para ele uma dor sincera e profunda – deixava os seus cômodos e corria desvelado a cuidar dele, passando, às vezes, noites a fio, à sua cabeceira, a propinar-lhe, com extremos verdadeiramente paternais, as mezinhas que a sua longa experiência lhe ditava. E como conhecia bem a arte dos remédios caseiros!...

Não raro se encontrava Patrão Velho a caminhar vagarosamente pelas circunvizinhanças, amparando os convalescentes, a que a debilidade não permitia andarem sem ajuda³. E era então um gosto vê-lo assim, todo transfigurado pelo prazer inefável de proporcionar alguma distração aos pobres doentes.

Dizia-se que, em outros tempos, Patrão Velho fora ríspido e cruel para com os escravos, e que aquela mudança de tratamento resultara de uma promessa, feita à esposa moribunda, no leito da agonia. O certo é que ele parecia, pela sua bon-

³ As palavras *sem ajuda* substituem a palavra *sozinhos*, que foi rasurada.

dade extrema⁴, não ter sido, em toda a sua vida⁵, outra coisa mais que um pai complacente e afetuoso.

Com surpresa de todos, e muitas lágrimas de saudade, uma manhã, Patrão Velho apareceu enregelado, morto, sobre o leito. O que foi, o que não foi, ninguém atinou com a moléstia que o vitimara.

A nova da sua morte espalhou-se rápida e, minutos após, toda a fazenda ecoava aos gemidos lancinantes da escravatura consternada. O que não se chorou nesse dia, santo Deus!

O quarto regorgitava de escravos, na ânsia de, pela última vez, contemplarem aquela face, tão meiga e tão sincera, cujo sorriso era para eles uma bênção de conforto e um estímulo para a vida.

Anciãos [sucumbidos] pelo peso dos anos, com as cabeças de arminho a contrastarem com a cor carregada dos rostos azevichados, cabrochas musculosos, em cujas veias circulava a seiva ardente da juventude; crianças lamurientas que a afluência do povo amedrontava; mucamas desgrenhadas que a desgraça daquele sucesso surpreendera no labor diurno, formavam juntos um concerto doloroso de queixas e gemidos.

Até o gado sentiu a morte de Patrão Velho, até o gado!...

⁴ A palavra *extrema* substitui a palavra *comunicativa*, que foi rasurada.

⁵ A expressão *em toda a sua vida*, foi acrescentada na entrelinha superior.

Os bois mugiam sinistramente no silêncio acabrunhador daquela manhã brumosa. Corujas chirriavam, lúgubres.

Órfãos dos seus carinhos, ficavam na terra do exílio, uma filha de criação⁶ por nome Marcolina – a luz dos seus olhos –, como todos diziam, e um filho que andava, por esse tempo, a estudar na Corte.

Na impossibilidade de arcar com o pesado ônus da administração – tão inexperiente era⁷ – Marcolina escreveu ao irmão que regressasse, quanto antes, à⁸ fazenda. Cansado da vida despreocupada de estudante calaceiro, senhor Juquinha achou propícia a ocasião para abandoná-la de uma vez. Pelo que arrumou as malas e partiu.

De coração bom e trato afável, em breve se tornou o ídolo de todos, que viam nele o retrato fiel de Patrão Velho.

O seu governo se não se notabilizou por atos dignos de especial menção, conseguiu, todavia, manter a orientação paterna.

As coisas corriam normalmente⁹ na Pedra Lisa, quando se lhe meteu, um dia, em cabeça, ao senhor Juquinha, que se devia casar.

⁶ A expressão *de criação* foi acréscimo na entrelinha superior.

⁷ Duas linhas foram fortemente rasuradas, tornando-se difícil a sua leitura.

⁸ A expressão *para a* foi substituída por *à*, rasurando-se a preposição *para*.

⁹ No verso da folha 7, por engano, começou-se novamente a copiar a folha 5, em que consta o fragmento que vai de “a propinar-lhe” até “a percorrer vagarosamente as circunvizinhanças da casa”. Note-se que, apesar de ser cópia do próprio autor, essa segunda versão teria sido diferente.

Antes nunca lhe passasse pela mente semelhante ideia!... Se bem pensou, mais depressa realizou o casamento.

Desde então, a fazenda começou a caminhar para trás, para trás, até que deu nesse carrascal arnoso que hoje, desolados, contemplamos. Enchentes, pragas, epidemias, calamidades de toda espécie, surgiram, assolando os campos, vitimando o gado, matando os escravos. As searas, quando as poupava o dilúvio das águas, definhavam roídas por insetos desconhecidos. O gado aboletava-se no curral, a custo se mantendo de pé, com as unhas escorchadas, abertas, a berrar sinistramente ou morria, à míngua de alimento, nos pastos exsicados. Um mal novo derreava o pescoço às galinhas. Onde alguma se deitava, ali mesmo ficava, de asas distendidas, arrepiada, morta. A febre amarela e a varíola desdobravam um véu de luto e de tristeza sobre a senzala silenciosa. Raro era o dia em que um corpo [esgororevinhado], coberto de bostelas não descesse à vala comum. E, às vezes, mais de um no mesmo dia. Os corvos esfaimados pousavam no teto palhiço do lúgubre alojamento dos negros, farejando, ávidos, o cheiro nauseabundo da carne em decomposição. Numa palavra, desde que a esposa do senhor Juquinha assentou pé na fazenda, principiaram a chover as desgraças.

Antes o senhor Juquinha nunca se lembrasse de casar! De mulher como a dele, *libera nos Domine*. Aquilo era o capeta em forma de gente.

Se o marido, por qualquer circunstância, tinha necessidade de ausentar-se, à volta, era esperado no alpendre pela

consorte enciumada, que o minuoseava com uma saraivada de palavrões obscenos. A princípio, o senhor Juquinha replicava e a disputa só se extinguiu, quando entrava em cena a demonstração categórica dos pulsos. Mas o senhor moço percebeu logo a inanidade desse argumento. As más línguas já diziam tanta coisa da sua vida privada!... Resolveu-se a calar. Isto serviu de motivo à esposa para mais se assanhar nos seus ataques. Com o tempo, o senhor Juquinha foi0se acostumando, acostumando com o palanfrório desbocado da cara metade (odiada é que era!) até que por fim as suas objurgatórias a incomodavam tanto ou menos que os latidos de vagabunda podenga.

Os escravos tremiam de medo à simples presença da patroa. E os míseros tinham razão. À menor falta, ela os mandava açoutar cruamente, sem dó nem compaixão. Se acontecia ao flagelador, fatigado, diminuir a rigidez dos golpes, ela o incitava com palavras de raiva e de censura:

– Vamos *seu* palerma. Se não queres que te mande fazer o mesmo, enrija esses¹⁰ músculos e faze esguichar o sangue envenenado dessa peste do diabo! Quero¹¹ ver-lhe as carnes à ponta do tagante... E não raro ela mesmo se apoderava do chicote e vergastava a pobre vítima.

Aconteceu, certa vez, a uma velha ama deixar cair das mãos, ao soalho, um prato de louça. Em castigo, a senhora manou que lhe aplicassem quinhentas rijas vergastadas. A

¹⁰ Rasurou-se o artigo *as*, sobrepondo-se lhe o demonstrativo *esses*.

¹¹ Rasurou-se a palavra *Desejo*, sobrepondo-se lhe a palavra *Quero*.

ordem não foi cumprida à risca, porque a infeliz anciã, combalida já por longa enfermidade, expirou antes que findasse o bárbaro flagício.

Marcolina, pelo seu natural compassivo e maneiras delicadas, sempre pronta a interceder pelos míseros escravos, a desculpá-los em suas faltas, granjeou, desde logo, a mais formal e decidida antipatia da senhora, que lhe não podia perdoar aqueles ares beatíficos de monja. Essa antipatia, sabiam-no todos, era causada unicamente pelo despeito.

A senhora era temida e evitada como se teme e evita¹² um animal feroz, ao passo que Marcolina era o ídolo da casa. Amavam-na as amas como a uma filha dedicada, que mal sabia das suas necessidades, corria, solícita, a remediar-lhas; os anciãos contemplavam nela o anjo benfazejo das senzalas; os crioulinhos saltavam de contentamento, quando a avistavam de longe¹³ no terreiro.

Se essas manifestações de simpatia contrariavam a esposa do senhor Juquinha, mais a enfurecia ainda¹⁴ a amizade que este consagrava à infeliz mocinha, coisa aliás muito natural, porque haviam sido criados sob o mesmo teto, como irmãos.

Ansiosa, esperava a senhora um pretexto qualquer para cevar na infortunada jovem o imenso ódio que lhe estava no

¹² A expressão *era temida e evitada como se teme e evita* substitui *era evitada como se evita*, com a sobreposição na entrelinha superior as palavras que lhe foram acrescentadas.

¹³ A expressão *de longe* é um acréscimo na entrelinha superior.

¹⁴ A palavra *ainda* é um acréscimo na entrelinha superior.

coração. E foi assim que Marcolina se viu, uma tarde, sem motivo, esbofeteada, na cozinha, em presença de toda a criadagem. Imagine agora o leitor o sofrimento da pobrezinha, que até aquele momento nunca experimentara sequer a dor de um ralho.¹⁵

Desde esse dia, passou Marcolina a ser uma criada, em tudo semelhante às outras. Tinha obrigações assinaladas que devia cumprir¹⁶ com a máxima pontualidade e exatidão.

E ai! dela, se as não desempenhava no tempo e do modo que lhe era mandado!... Apesar disso,¹⁷ tão boa era que nem uma palavra de queixa ou recriminação lhe saía dos lábios.

Encontrando-a senhor Juquinha, uma vez, a chorar, no corredor, perguntou-lhe, com ternura de irmão, a causa daquela mágoa, o motivo que trazia os seus lindos olhos marejados de lágrimas.

Tanto bastou para que a senhora, que espreitava, enciumada, os menores movimentos de Marcolina, arremetesse, furiosa, contra ela e lhe pespegasse, em pleno rosto, duas sonoras bofetadas.

– Eu bem desconfiava, *sua* desavergonhada, que me andavas traíndo... Agora acabo de convencer-me. Tenho as provas. Presenciei, com meus próprios olhos, a cena infame. É assim, *sua* não sei que diga, que pagas os benefícios que rece-

¹⁵ As palavras *sequer a dor de um ralho* substituem a dor de uma desfeita, com a inserção das palavras *sequer e um ralho*, sendo estas últimas em substituição às palavras rasuradas.

¹⁶ A palavra *cumprir* substitui a palavra *desempenhar*, que foi rasurada.

¹⁷ Sobrepõe à palavra rasurada *Mas* a expressão *Apesar disso*, com a vírgula.

bes? Quem havia de dizer que tu, com essa carinha de sonsa... Mas hás de ver quanto te custará o preço¹⁸ desta traição... E o vocabulário fescenino golfou-lhe dos lábios luculentos, numa perluxidade de causar espanto.

Tão imprevista fora a agressão, que o senhor Juquinha, colado ao soalho, atônito, nem tempo tivera para a defender. Em vão, protestou que aquilo era uma infâmia clamorosa, uma calúnia que bradava aos céus...

Mas de que valiam os seus protestos? Só serviram para mais exasperar a consorte, que lhe passou também uma sara-banda, em regra.

À exigência de negócios urgentes, teve o senhor Juquinha de ausentar-se, por alguns dias, da fazenda. Foi esse¹⁹ o tempo escolhido pela esposa, para a bárbara vingança.

Convocou secretamente dois homens da sua confiança, ordenou-lhes que se acoutassem no quarto de torturas, úmido e nauseabundo quarto, que ficava no subterrâneo da fazenda, e logo que aí aparecesse Marcolina, a quem sob pretexto de serviço²⁰ ia chamar, se atirasse sobre ela²¹, atassem-na bem, montando-lhe guarda.

Esse aposento era destinado à prisão dos escravos delinquentes. Aí passavam meses inteiros, sem lobrigar a luz benfa-

¹⁸ A expressão *o preço desta* substitui o demonstrativo *esta*, sobrepondo-se na entrelinha superior.

¹⁹ O demonstrativo *esse* é um acréscimo na entrelinha superior.

²⁰ O fragmento *sob pretexto de serviço* é um acréscimo na entrelinha superior.

²¹ O pronome *ela* é um acréscimo na entrelinha superior.

zeja do sol, com alimentação parca e má, expostos ao rigor do inverno, suportando o cheiro enervante de exalações mefíticas, na companhia dos ratos tunantes, dos sapos imundos e morcegos agoirentos, os infelizes que incorriam no desagrado da senhora. Alguns (se)²² de lá saíam diretamente para a cova. Outros, não menos infortunados, ainda ficavam por ali, algum tempo, arrastando ao sol as carnes intumescidas, hidrópicas, a esperar resignadamente pela morte libertadora.

Ao centro, erguia-se lúgubre, ostentando as negras argolas pendentes, o abominável poste de suplício. Grossos barações desciam por ele abaixo, esparramando-se em desordem, no chão úmido. O tradicional tronco de ferro descansava pacientemente a um canto. Pelos outros, em confusão, enferrujavam gargalheiras negras, ferropias sinistras, hórridos anjinhos e híspidas algemas – testemunhas irrefragáveis da sanha brutal dos primitivos senhores da Pedra Lisa²³.

Do teto acaçapado e fuliginoso, enlizado de teias de aranha, pendiam sogas de couro cru, férulas pesadas e azorragues tricúspides²⁴.

Marcolina foi atada²⁵, quase nua, exposta aos olhares cúpidos dos homens, com, com os [buços desnartados]²⁶ a acariciar-lhe os ombros róseos, soltava gemidos de dor, con-

²² Apesar de acrescentada a palavra *se* na entrelinha, a frase não foi reorganizada sintaticamente.

²³ Foi rasurada a palavra *enferrujam* ou *enferrujaram* que se seguia, antes do ponto final, precedida do travessão.

²⁴ A palavra *tricúspides* substitui a palavra *trifoliados*, que foi rasurada.

²⁵ As palavras *foi atada* foram acrescentadas, a lápis, na entrelinha superior.

²⁶ Trata-se de duas palavras que não foram decifradas.

torcendo os pulsos delicados que o baração arroxeara. Em torno dela, girovagava, esgarabulhando, a algoz, em atitude hostil.

– Não te disse que me havias de pagar a afronta daquela traição? Não te disse? Pois chegou hoje o dia... Os teus *lindos* olhos, garanto, não mais hão de seduzir o teu senhor... Que digo? Não mais hão de seduzir a quem quer que seja... E ria, sarcasticamente, batendo as palmas de satisfação.

Desabotoando depois a blusa, tirou do seio um punção agudo²⁷, virou e tornou a virá-lo entre os dedos, aos olhos da vítima, bebendo-lhe vagorosamente, no semblante aterrorizado, a impressão de pavor, que lhe causava a contemplação daquele instrumento²⁸.

Os alcaíotes que a serviam, alapardaram-se a um canto, horrorizados, a tremer, à luz baça daquele aperto lúgubre²⁹. Supersticiosos, como todos os pretos, criam-se³⁰ em presença de algum gênio tenebroso do mal.

Transfigurada pela sede ardente de vingança, cabelos em desalinho, olhos afuzilando áscuas, tinha a algoz, em verdade, alguma coisa desses trasgos hediondos que, nas horas

²⁷ Esta palavra *agudo* foi acrescida na entrelinha superior.

²⁸ A palavra *objeto* foi sobreposta a palavra *instrumento*.

²⁹ Este fragmento *à luz baça daquele aperto lúgubre* foi acrescido na entrelinha inferior.

³⁰ A palavra *criam*, a *lápiz*, na entrelinha superior, substitui a palavra *julgam*.

caladas da noite, povoam a³¹ imaginação. Num relance, percebeu-lhe Marcolina o pensamento sinistro.

Num esforço supremo, estirou o corpo para a frente, agitou freneticamente a cabeça e um grito de angústia escapou-se-lhe da garganta.

Empunhado pela ríspida algoz, o punção vazava-lhe as célicas pupilas. Dos seus lindos olhos – delícias outrora de Patrão Velho – nada mais restava que duas órbitas vazias e profundas, de onde um humor *pulverulento* e sanguíneo manava continuamente.

E não parou aí o ódio sanguissedento da fera Górgona. Era preciso que a vingança fosse completa. Os dentes, os lindos dentes tão elogiados de Marcolina – rocais de pérolas a velar-lhe a concha nacarada da boca mimosa – foram extraídos a golpes de profanadora tenaz. Para isso, fora mister ameaçar de morte os homens que lhe recusavam obedecer.

Depois de tal cena de barbaria, satisfeita da sua obra, descerrou a porta, que rangeu soturnamente nos quícios, tornou a fechá-la atrás de si e, como se tudo aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, subiu calma, tranquila as escadeiras da varanda, que um véu de trevas começava a invadir. Deixava³² à Marcolina o tempo suficiente para se restabelecer e depois apresentá-la-ia ao marido, tal como estava, cega e desdentada.

³¹ As palavras *povoam a*, a lápis, a primeira, e a tinta a segunda, substituem as palavras *[acedemem]*, *na nossa, foros de verdadeira realidade*.

³² A palavra *Deixava*, a lápis, na entrelinha superior, substitui a palavra *Ficava*.

E gozava-se, antecipadamente das caramunhas que ele faria³³, quando a visse, naquele deplorável³⁴ estado.

Mas o seu plano sinistro ficou abortado³⁵, porque, combatida pelas³⁶ hemorragias consequentes³⁷, Marcolina sucumbiu. E foi com surpresa, que a encontrou, no outro dia, com a cabeça inclinada para o peito, braços caídos flacidamente, hirta, morta.

– Antes assim, ruminou consigo. Não teria mais aquela lambisgoia a obstruir-lhe o caminho...

Cavou-lhe, ela mesma, no chão mádido do aljube, a fria sepultura, deitou nela o corpo da infeliz mártir, atupiu a cova de terra, que socalcada em nível, nem vestígios deixou da escavação passada.

Como o ambiente da estufilha abafasse e o esforço dispendido lhe reclamasse a necessidade de respirar plenamente, saiu ao sol – lindo sol de setembro – sorvendo, em sucessivos haustos, languidamente, vagorosamente, o ar saturado do perfume das flores silvestres.

Borboletas acasaladas tatalavam as asas, trebelhando à luz; abelhas afanadas enchiam o vergel de zumbido de asas; andorinhas, em veraneio, rasgavam a amplidão sonora, galran-

³³ A palavra *faría* substitui a perífrase *havia de fazer*, que foi rasurada.

³⁴ A palavra *deplorável* é acréscimo a lápis na entrelinha superior.

³⁵ A expressão *ficou abortado*, a lápis, na entrelinha superior, substitui a expressão rasurada *não surtiu efeito*.

³⁶ A expressão *combatida pelas*, a lápis, na entrelinha superior, substitui a expressão *Marcolina, sucumbiu às*, que foi rasurada.

³⁷ As palavras seguintes, *Marcolina sucumbiu*, foram acrescentadas, a lápis, na entrelinha superior.

do festivamente. As ciganas cantavam. Nos descampados³⁸, as arapongas retiniam o malho das suas gargantas. Uma aragem macia, entorpecedora, arfava molemente, alisando a cabeleira intonsa das árvores ramalhudas.

Refeitos os pulmões, ao contato acariciante daquele ar rico de oxigênio, a esposa do senhor Juquinha lançou um olhar indiferente à paisagem matinal. Alma feita de ódios e de trevas, não lhe despertou a menor emoção, a beleza surpreendente do painel divino.

Depois encaminhou-se para a escala, ensombrada de trepadeiras, subiu vagarosamente os degraus, ruminando consigo razões³⁹ falsas, para iludir os reclamos de⁴⁰ consciência.

– Não a matara... Por conseguinte, não podia ter remorsos. Castigara-a, é verdade, mas se fosse crime castigar os delinquentes, então... todo o mundo devia estar cheio de remorsos...

Este raciocínio preliminar parece que lhe satisfez aos melindres da consciência, porque, não mais atendendo ao caso, se devotou inteiramente aos serviços domésticos.

O desaparecimento súbito de Marcolina não deixou de levantar suspeitas, que o temor da patroa conteve nos seus justos limites.

³⁸ A expressão *Nos descampados* substitui *Nas quebradas*, em que houve emenda na primeira palavra e rasura da segunda. A palavra *descampados* está na entrelinha superior.

³⁹ As palavras *ruminando* e *razões*, a lápis, na entrelinha superior, substituem as palavras rasuradas *revolvendo* e *arrazoados*, respectivamente.

⁴⁰ As palavras *os reclamos de* substituem, a lápis e na entrelinha superior, o artigo *a*.

Seu Juquinha, de regresso, deu logo⁴¹ pela ausência da moça. Perguntados os criados, não⁴² lhe souberam informar. Inquerida a esposa, respondeu com maus modos que Marcolina, cansada de fingir, e já descoberta no seu mau procedimento, resolvera-se, afinal, a abandonar a fazenda. Assim poderia levar folgadoamente, às escancaras, longe da presença molesta dos conhecidos, a vida de libertinagem, para que tinha pronunciada inclinação.

Senhor Juquinha, não obstante convencido da pureza de Marcolina, concluiu lá consigo que a fuga era razoável. A gente também se cansa de sofrer. E depois, adeus minhas encomendas, torna-se capaz de tudo, até de fugir de casa...

Decorrida uma semana, não mais se falou nesse acontecimento. Exceto nas senzalas, em que as velhas mucamas choravam sempre⁴³ inconsolavelmente a ausência de Marcolina.

Um belo dia, as suspeitas que um ou outro timidamente nutria, converteram-se em certeza para todos. Um preto que passara a noite acorrentado no quarto de suplício, contava a toda a gente que vira lá⁴⁴ (tão certo como ele estar vivo e são) sinhá Marcolina, cega e desdentada, a jermiar umas coisas que fazia pena ouvir.

O mistério do desaparecimento tinha agora a sua explicação satisfatória. Sinhá Marcolina estava morta, bem morti-

⁴¹ A palavra *logo* é um acréscimo na entrelinha superior.

⁴² As palavras Perguntados os criados, não substituem as palavras rasuradas Perguntou aos criados por ela. Não.

⁴³ A palavra *sempre* é um acréscimo a lápis na entrelinha superior.

⁴⁴ A palavra *lá* é um acréscimo a lápis na entrelinha superior.

nha... De outro modo não se poderia explicar a sua presença naquele lugar.

Desde então, começaram a multiplicar-se as aparições. Afirmaram uns tê-la⁴⁵ visto ao alpendre, fronte abatida sobre a almofada, baralhando calmamente os bilros; outros, que ela se lhes mostrara à janela, contemplando, em êxtase, o céu estrelado; outros ainda, que às *Ave Maria* a haviam encontrado⁴⁶ nas aleias ensombradas do pomar.

O que mais surpreendia a todos era a voz langorosa que à noite se elevava do ergástulo sombrio, voz que todos reconheciam ser a de Marcolina, cantando, entre queixas e gemidos, a sua quadrinha predileta:

Alma no corpo não tenho,
Minha existência é fingida,
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.⁴⁷

Os escravos preferiam a morte a ficarem retidos uma noite⁴⁸ no quarto de suplício. Um terror supersticioso dominava-os. Mal anoitecia, acolhiam-se, medrosos, à tepidez de suas palhoças, de onde à noite⁴⁹ não havia força que os tirasse. Só pela manhã surgiam fora, para cuidar do serviço diário.

⁴⁵ A expressão *tê-la* substitui *terem-na*, que foi rasurada.

⁴⁶ As palavras a haviam encontrado substituíem o pronome a encontraram.

⁴⁷ Depois dessa quadra, foi rasurada a seguinte frase: "*Se a voz lhos não enganava, muito menos a canção, que era a predileta da mocinha.*", sendo rasuradas mais fortemente as palavras *lhe* (substituída por *lhos*) e *Marcolina*, substituída por *mocinha*.

⁴⁸ As palavras *uma noite* foram acrescidas na entrelinha superior.

⁴⁹ A locução *à noite* é um acréscimo na entrelinha superior.

A esposa do senhor Juquinha, perseguida pelo espectro da vítima, lobrigando-a em toda a parte, enlouqueceu. Foi preciso que a encarcerassem. Os seus acessos de loucura eram terríveis. Olhos esgazeados a fagulhar nas trevas, rilhando os dentes, alçava, ameaçadora, os punhos descarnados, e arremessava-se contra um inimigo, que só ela via, ferindo as mãos encarquilhadas nas ripas, que o emboço deixava a descoberto.

Nas senzalas repetiam, persignando-se, as amas:

– Morreu antes do tempo. Anda penando até chegar o seu dia...

As coisas foram piorando⁵⁰, piorando, até que a florescente fazenda da Pedra Lisa deu num carrascal que hoje contemplamos com desolação.

Do meio das ruínas do solar desmoronado, segundo testemunham alguns intimoratos viajantes, ouve-se ainda, nas noites silentes de plenilúnio, acompanhada pela harpa eólia dos ventos, a mesma voz suspirosa cantar doridamente:

Alma no corpo não tenho,
Minha existência é fingida,
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

Fim.

⁵⁰ O autor usa, regularmente, a palavra *peior*, *peiorar* etc., ao invés de *pior*, *piorar* etc.

O DOURADO⁵¹

⁵¹ O conto *O Dourado*, apesar de incluído pelo autor como o segundo conto do livro *Contos Ingênuos*, que publicaria sob o pseudônimo de “João das Chagas”, não consta do espólio disponível de Ismael Coutinho. Não sabemos se está completamente perdido nem se foi publicado em algum lugar. Supomos, entretanto, que ele tenha sido reescrito ou simplesmente renomeado como *O Velho Tropeiro*.

Nas fichas “Produção Artística”, que constituía a pasta 4, constam as seguintes informações sobre os textos em prosa aqui reunidos:

CAIXA VERDE: Contos ingênuos (João das Chagas)

A pedra lisa – 25 tiras manuscritas;

Tio Jacinto – 14 tiras manuscritas;

O dourado – Falta

OUTROS:

O Benedito – 12 tiras manuscritas;

O velho tropeiro – 19 tiras manuscritas;

O santo eremita – 15 tiras manuscritas;

CONTOS (?)

O negro Eugênio – (escrito especialmente para “O Jornal” – 7 tiras datilografadas.

Assinado: João das Chagas.

Na ficha 3, os seis textos referidos são classificados como *CONTOS*: *O Benedito* – ms.; *Tio Jacinto* – ms.; *A pedra lisa* – ms.; *O negro Eugênio* (escrito especialmente para “O Jornal”) – datiloscrito; *O santo eremita* – ms.; *O velho tropeiro* – ms.

Os outros textos em prosa, também estão relacionados nessas fichas, assim como os poemas que publicamos ao final do volume das *Silhuetas*.

O VELHO TROPEIRO⁵²

Era dia de festa na Fazenda.

Todos os peões dos arredores, colonos e amigos do fazendeiro, tinham sido convidados para assistir ao desbravamento do Dourado.

A fama do burro enchia os rincões da vasta província de Minas, chegando a ser tão proverbial que se não pejavam os vates sertanejos de comparar o coração das matutas, que lhes recusavam os galanteios, à insubmissão do animal.

Criado à lei da natureza, nos pastos altos e verdejantes da fazenda, entre o gado barbatão, tornara-se o Dourado um animal corpulento, assomado e bonito. Viera-lhe o nome da cor fulva do pelo, que tinha ao sol faiscações metálicas de ouro.

Cabeça angulosa que ele, por hábito, trazia sempre entonada, pescoço volumoso e largo, em harmonia com a sua

⁵² De um original manuscrito, em 19 tiras de papel numeradas e bem conservadas. Suponho que este conto é o mesmo a que se chamou de *O Dourado*, que nunca apareceu. É possível mesmo que tenha sido escrita uma outra versão deste conto com o título de *O Dourado*.

estatura atlética, emprestavam-se um certo ar de majestade e força, que intimidava logo, à primeira vista, os mais intimoratos desbravadores.

A primeira vez que ele fora montado, contava apenas dois anos e meio de idade. E, apesar de ser amansador, peão de grande fama, o burro tanto fez, saltou tanto, que deu com ele no chão estatelado, contundido.

No ano seguinte, foi ele novamente experimentado. Desta vez, pelo Firmo, molecote nascido e criado na Fazenda, o qual começara a vida montando em pelo, no pastoreio, os potros bravios, e granjeara depois a mais justa e merecida nomeada de peão invicto. Mas o Dourado não esteve pelos pergaminhos do cabra, e sacudiu-o fora, com fama e tudo, mal o pressentiu no lombo. Pobre Firmo! Não foi a desgraça de ter partido, na queda, uma das costelas, o que o magoou para o resto da vida, mas a de ter perdido a fama, tão legitimamente alcançada, de amansador intrépido. Isso, sim, que⁵³ o magoou no resto dos seus dias. Se ainda prestasse para alguma coisa, havia de mostrar ao burro que ele, Firmo, não era inimigo para desprezado. Mas, doente como andava, pobre dele! Que poderia fazer? E chorava como uma criança.

Dias antes de morrer, ainda se recordou, entre lágrimas, dessa derrota fatídica, que lhe pôs um ponto final na carreira gloriosa.

⁵³ Foi rasurada a palavra *foi*, na expressão *foi que*.

A outra vez que esteve à prova a resistência do Dourado, foi entre os varais de uma carroça, atulhada de pedras. Não obstante ser a arreata nova, e do melhor couro, o burro não se deu por achado, e tanto saltou e curveteou, que as correias afrouxaram, e ele abalou, ornejando às upas, em galope desabalado, pelo campo afora, levando consigo, pendentes, restos do jaez despedaçado.

Desse dia em diante, resolveu-se o fazendeiro a não mais inquietá-lo. A boa estrela de Dourado parecia garantir-lhe um futuro feliz, sem os trabalhos e canseiras dos seus irmãos, quando, subitamente, com a chegada de uma tropa aos seus domínios, muda o coronel Severiano de resolução. O caso se passou do seguinte modo.

Em conversa com os tropeiros, falou-lhes o coronel na existência do Dourado, contou-lhes as suas façanhas ardidadas,⁵⁴ exaltando-lhe muito o vigor inquebrantável e índole insubmissa.

Os tropeiros, farejando no caso uma ocasião propícia a se tornarem conhecidos, naquelas bandas, ofereceram-se para amansar o burro. A isto os levava não só a vaidade, aliás muito justa, de ver o seu nome proclamado por todas as bocas, mas também o desejo natural da aventura. Não seriam eles descendentes legítimos desses heroicos desvirginadores do sertão, denominados bandeirantes, se não herdassem destes o instinto aventureiro que os caracterizava.

⁵⁴ *Ardidas* – audaciosas, intrépidas; corajosas, audazes; muito disputadas.

A aventura empolga o tropeiro. As intempéries das estações, os imprevistos do caminho, os ataques dos salteadores, as ciladas das feras, atuam-lhe diretamente sobre a alma, modelando-a para os lances perigosos, para as sortidas arriscadas, onde a vida lhe anda pendente apenas de um fio.

Consciente do seu valor, em tantas proezas comprovado, de cócoras em torno do fogo, que costuma fazer nos ranchos de pousada, fala o tropeiro dos projetos que vai executar, no dia seguinte, dos perigos a que vai expor-se, com a mesma indiferente *fleugma*, com que um inglês escorropicha um copo de *whisky*.

A morte torna-se-lhe familiar, tantas vezes se encontram, frente a frente, na vasta arena da vida. Não admira, por isso, que o fato do desbravamento do Dourado fosse, para os tropeiros, uma coisa assentada, certa. A resolução pronta⁵⁵ é um dos aspectos particulares da sua índole altiva.

Produto híbrido da fusão étnica de três raças diversas, o tropeiro, mais que qualquer outro, conserva, bem vindicadas na alma, as influências atávicas, refletindo, nos seus atos, os característicos próprios de cada uma delas⁵⁶ – as suas virtudes e vícios, exaltações e abatimentos, arrojos e temores. Assim, alia a intrepidez heroica dos povos peninsulares e o instinto guerreiro dos silvícolas americanos, à resistência fantástica dos negros áfricos, com as suas credices ingênuas e superstições grosseiras. Deste modo se aplica a atitude contraditória

⁵⁵ Esta palavra *pronta* é um acréscimo na entrelinha superior.

⁵⁶ Esta palavra *delas* foi um acréscimo na entrelinha superior.

desse homem que, nos lances difíceis e arriscados, mostra a serenidade estoica e a coragem ardida de um semideus da fábula, ao passo que se enconcha no pouso, a tiritar de medo, se ouve o chirrio agoureiro de uma coruja noctívaga ou o uivo longínquo de um cão errabundo. E é de vê-lo, então, todo ouriçado, cabelos hirtos, mãos crispadas, olhos de fogo a esbrasear nas trevas, esperando, pávido, ver desenhar-se a cada momento, diante de si, a figura exótica do saci matreiro ou o perfil cochino do diro lobisomem.

Capaz de arrancadas radiantes, de surtos heraclianos, é, todavia, o mais supersticioso dos homens que o firmamento cobre. Basta um pequeno acontecimento fortuito para determiná-lo a interromper, de vez, uma empresa começada.

Desde cedo apresentava a Fazenda o aspecto alegre dos dias de festa. Nas portas e janelas, apinhavam-se, ansiosas do espetáculo, as pessoas amigas, que o coronel tivera o cuidado de convidar de véspera.

O espoucar azoinante da cana engastalhada, a gemer, entre as grossas moendas; o chiar estrídulo dos carros, abeirando-se do picadeiro; o escachoar frenético da água na roda da azenha, dos dias comuns, eram compensados pelo mugir raucíssonos do gado em descanso, e pela grita folgazona do povo, na cerca do curral, contemplando, embevecido, a estatura olímpica do Dourado, que o encarava, atrevido, em ar de desafio.

A presença do burro causava às pessoas presentes uma espécie de enlevo ou fascinação, que as faziam desmandibularem-se em interjeições admirativas, qual mais encomiástica.

Dos tropeiros, alguns já se arguiam da precipitação com que se ofereceram para amansar o burro. Deviam ter procedido mais sensatamente. Aquilo não era animal que se montasse. Já havia passado da quadra. Demais, uma voz interior dizia-lhes que se abstivessem de montar no mulo. O seu pelo lúcido, rociado de orvalho, despedia, ao sol da manhã, cintilas rútilas de fogo. Os olhos faiscavam-lhe, em reto, sob as cerdas pálpebras inquietas.

O coronel estava a não caber em si de contentamento, com a impressão que o burro causava aos presentes.

O velho tropeiro, a que não passava despercebido o estado de ânimo dos companheiros, chamou-os em particular. Falou-lhes, para acender-lhes a cobiça, na grossa paga que o coronel prometia ao desbravador do mulo. Espiçou-lhes o brio, dizendo que naquele momento estava em jogo a honra da tropa. Escolhessem, pois, entre seu futuro de glória ou uma vida ignominiosa, coberta de sarcasmos e baldões. Sim, porque a desistência importava, na solenidade daquele instante, no rompimento da palavra empenhada, ao mais refinado ato de covardia.

Um silêncio profundo sucedeu às palavras revoltadas do velho peão. Travou-se a luta no interior daqueles homens rudes.

Mas a voz do coração – lei poderosa a cujo influxo nem os heróis escapam – venceu neles os últimos pruridos da consciência.

Um prontificou-se a montar o animal em qualquer outra ocasião, mas que naquela lhe era totalmente impossível. Toda a santa noite não pudera conciliar o sono, pelo que estava arvoado, indisposto.

Apelou outro para uma cefalalgia incômoda que o perseguia, com insistência, desde a véspera.

Invocou o terceiro, em seu socorro, ao velho comparsa de travesseiro – o maldito reumatismo – que, com as revoluções da lua, lhe andava a provocar fortíssimas dores pelo corpo. E assim cada qual apresentou as suas exculpas como melhor pôde e foi Deus servido ajudá-lo.

O velho tropeiro ficou-se, algum tempo, pensativo. Depois, sacudindo a cabeça numa resolução súbita, se encaminhou para o sítio onde o coronel, pletórico, recontava aos amigos⁵⁷, pela décima vez, as façanhas do Dourado.

– Coronel, acabo de obter dos meus colegas a honra insigne de ser o montador do burro. Sou velho, mas isso pouco importa ao caso. A velhice não é desdouro. Apesar destes cabelos brancos que o senhor está vendo e destas corricas⁵⁸, não me troco por muitos moços que há por este mundo de meu Deus. A minha vitória, na luta, servirá para mostrar que os

⁵⁷ As palavras *aos amigos* é acréscimo na entrelinha superior.

⁵⁸ *Corricas* – rugas (Cf. AULETE, s.v.)

velhos não são esses trastes inúteis, que muitos estouvadamente apregoam. Ao contrário, se sucumbir, encontrarei na sublimidade desse feito, um fim digno de minha vida aventureira, passada toda ela sobre o lombo das cavalgadas.

Uma condição apenas exigia, e era que o Dourado lhe pertencesse. Para isso, oferecia, em cambalacho, ao coronel, três dos seus melhores animais da tropa. Aceita a condição, mergulhou na bastida, reaparecendo dentro do curral.

O sol da manhã nimbara-lhe de luz o vulto esgalgueirado e as barbas de ancião, mais brancas do que a cal, emprestavam-lhe certo ar de majestade, que a sua resolução heroica sobremaneira realçava.

Relanceou a vista pela corpulência atlética do burro que, impaciente da demora, escarvava furiosamente o chão. E parece que aquele exame rápido o satisfez, porque ele tomou o lombilho e se dispôs a arreá-lo.

Mateiro como todos os muares, o Dourado não opôs a menor resistência ao arreamento⁵⁹. Aparentava ser um burro submisso, manso.

Mas essa submissão simulada,⁶⁰ que os presentes tomaram como verdadeira, em nada modificou a opinião que dele fazia o velho tropeiro. Conhecia sobejamente as alicantinas desses maganos, para se deixar ilaquear nas suas redes.

⁵⁹ As palavras *ao arreamento* é acréscimo na entrelinha superior.

⁶⁰ A palavra *simulada* substitui o adjetivo *artificial*, rasurado.

Depois de o ter encilhado, puxou-o para fora do cercado, passeando-o pelo cabresto, em presença do povo reunido, no vasto terreiro da Fazenda.

O burro engalava, olhando, desconfiado, a multidão irrequieta.

O seu andar macio e solerte, mal roçando os cascos no chão, tinha o garbo solene dos alfarios, ajazados a ouro, dos fidalgos medievais, nas justas palacianas.

um momento em que as bocas se rasgavam em hiatos de admiração e os olhos se aguçavam para não perder transes mínimos da luta. É que o velho tropeiro, mais ágil do que uma seta, que mão hábil desferisse, havia alcançado o lombilho.

Também era tempo.

O mulo, sentindo o peso do cavaleiro sobre o lombo hirsuto, negaceou o corpo como a estranhar a audácia do peão, e arrancou, aos galões, pelo campo afora, corcovando aos urros, encouchando-se aqui, para altear adiante a sua estatura hercúlea.

Um córrego, que enrolava preguiçosamente as águas cristalinas, fumando à manhã clara, foi transposto apenas de um salto.

Cavaleiro e burro fundiram-se num bloco animado, espinoteante, que parecia atraído para o espaço por um turbilhão de forças desencontradas. Onde passavam, estendiam escom-

bros. Galhos esnocados dos troncos, ninhos esfacelados – assinalavam-lhes por toda a parte⁶¹ a marcha tumultuosa.

Embebidos na contemplação da cena grandiosa, os espectadores mussitavam coisas ininteligíveis à proporção que os lances arriscados se sucediam, ou ficavam, extáticos, de bocas escanceladas, retendo no peito o coração inquieto, para concentrar nos olhos toda a acuidade possível.

Na arrancada vertiginosa em que iam, mal se apercebi-
am dos perigos que os cercavam de todos os lados. Escavações profundas que antigos oleiros havia feito no campo, para a extração do barro de telha, abriam tentadoramente as fauces negras, em sorvedouros medonhos.

Um momento esteve em jogo a vida de ambos os contendores. Foi quando o Dourado, galgando às upas, o monte que está situado defronte da Fazenda, ameaçou descer pela rampa íngreme, cavada quase a prumo na sua face lateral, tão alta que a vista se empana em vertigem, ao contemplar, lá embaixo, o chão gredoso, eriçado de hispídeos abrolhos.

As patas dianteiras do mulo riscaram, em relâmpago, o ar, e o seu corpo esteve, por alguns instantes, oscilando em equilíbrio instável, entre o espaço e o abismo, apenas apoiado sobre os traseiros, que se acravaram no solo resvaladio.

A mais leve inclinação para a parte inferior determinaria fatalmente a queda fragorosa nas arestas agudas do despenhadeiro e a morte tétrica de ambos os combatentes.

⁶¹ As palavras *por toda a parte* foram acrescentadas na entrelinha superior.

Côncio do perigo iminente que o ameaçava, o velho tropeiro, munido de resolução súbita, estirou os braços para frente, colhendo as rédeas bem junto ao queixo do burro, e, num repelão enérgico, que punha em evidência o vigor inquebrantável dos seus músculos, obrigou-o a voltar-se para o lado superior do monte. Já a terra começara a ceder sob os cascos do animal.

Esfalfado, quase vencido, sentia o Dourado que era chegada a hora da humilhação. Escasseavam-lhe as forças, o cansaço abatia-o. Mas a sua índole indomável, que toda se revoltava ante a perspectiva da derrota, supeditou-lhe energias novas, e ele arremeteu de novo, rebuscando de raiva impotente, pela encosta abaixo, numa estropeada infrene, ferindo-se nas galhas secas e assustando os bandos de rolas que andavam mariscando no solo fofo da derribada. Não era mais a luta ponderada, medida e leal que o burro oferecia ao seu adversário; era o desespero, a loucura do gladiador perdido, que se não poupa a golpes para escorchar na arena, exangue, o inimigo invencível. O velho tropeiro, porém, parecia colado ao lombo da furibunda montaria. Curvado para a frente, fincava os joelhos na cabeça do lombilho, espicaçando o burro com os calcanhares, se ele acontecia parar, amuado.

Por fim, estazado⁶² de tantas arremetidas infrutuosas, o Dourado foi afrouxando, diminuindo os saltos, até que se estatelou arquejante, de pernas abertas, suando em bicas, no meio

⁶² As palavras *Por fim* foram acrescentadas na entrelinha superior, e rasurado o início da palavra *Estazado*.

do terreiro. Fazia pena ver o burro altivo, ali humilhado, abatido, cabeça derreada, como a ocultar a vergonha de que se achava possuído. Duas grossas lágrimas gotejaram-lhe dos olhos tristes, deslizando-lhe⁶³ tristemente pelas faces anegadas de suor.

O Dourado chorava.

Não era a afronta da derrota a causa exclusiva da sua dor, mas a privação da liberdade em que nascera, da liberdade em que nascera e vivera, até aquele dia aziago, que marcava para ele um futuro cheio de vexações e trabalhos.

Dantes, era a sua vontade a bússola única que o roteava através dos campos virentes da Fazenda natal. De agora em diante, teria que se submeter a outra vontade, estranha à sua, absurda, categórica, incontrastável.

Ao tapiz aveludado das ervas amigas, que lhe afogava os passos rijos, na verdura freixa, sucedia agora o leito exsiccado e fragoso dos caminhos ásperos.

Não havia na Fazenda madrugador mais solerte do que ele. Ainda ressonava na malhada, fumando à luz dúbia da aurora, o gado adormecido, e já ele andava pelos chapadões taciturnos, despertando com o estalido de ramos à sua passagem, os pássaros sonolentos, aninhados sob cúpula verde das árvores copadas.

Quando, na adufa punícea do levante, aparecia a face rosada do astro diurno, encontrava-o sempre a pascer tranqui-

⁶³ O pronome *lhe* é um acréscimo na entrelinha superior.

lamente nas serras alcandoradas, o capim úmido do zimbro da noite. Nem as águias pousadas nas agulhas negras das broncas penedias, lhe podiam disputar a prioridade na contemplação da luz.

E agora, e agora?

Contemplá-lo-ia, é verdade, mas do interior dos cercados, preso à espera do serviço diário, depois de ter ele percorrido montanhas e vales, derramando a policromia da sua luz benéfica sobre as outras criaturas livres.

E o mísero muar, de cabeça baixa, mazombo, via, em perspectiva dolorosa, aproximar-se do curral, todos os dias, o vulto anguloso do recoveiro, de cabresto em punho, para conduzi-lo ao trabalho.

Condoído do mísero animal, o tropeiro apeou-se. Agora que a sua prosápia estava quebrantada, podia, cavalgando-o, forçá-lo a passar diante do povo reunido para mostrar-lhe⁶⁴ que a vitória lhe coubera, a ele, peão. Mas a alma do sertanejo é nobre demais para tirar partido de um adversário inerme.

Depois, aquele burro não era um animal vulgar. Merecia-lhe bem semelhante ato de deferência.

Mal assentou o pé em terra, sentiu o velho desbravador um como véu de névoas denso sombrear-lhe a vista.

⁶⁴ O pronome *lhe* é um acréscimo na entrelinha superior.

Cambaleando como um ébrio, ensaiou alguns passos sobre a vasta esplanada, mas as pernas se lhe afrouxaram nún vágado, e ele caiu, desmaiado, no solo.

Quando tornou a si, já os espectadores o cercavam, solícitos. Levou as mãos ao peito que lhe doía profundamente, alongou, num esgar, o pescoço esgalgado, e a primeira de sangue borbotou-lhe, rubra, dos lábios em febre.

– Morto – gemeu, num balbucio.

O sangue refervia, em catadupas, escachoando-lhe, em jatos fortes, das narinas dilatadas e da boca desmedidamente aberta. à primeira golfada, sobreveio a segunda, a terceira...

Fixando as pupilas mortas no coronel, que lhe amparava caridosamente o busto, falou-lhe em voz quase imperceptível:

– A minha missão está cumprida. Morro satisfeito. Só me faltava este lance glorioso para remate da minha vida aventureira. Não se esqueça de que o burro me pertence. Escolha, entre os animais da tropa, os três que em troca lhe ofereci. Não tenho família. Os outros, ficam aos meus caros companheiros de destino. Agora, coronel, um pedido – e lembre-se de que esse pedido é formulado pelos lábios de um moribundo – Não quero que o Dourado seja constrangido em sua liberdade. Que ele campeie livre pela selva bruta, como dantes campeava, para que ninguém se possa vangloriar, no futuro, de ter sob suas pernas, o burro valente que matou o velho tropeiro José Pereira da Anunciação.

Estas últimas palavras foram pronunciadas em voz tão sumida que, para entender-lhas, teve o coronel que lhe colar o ouvido à boca.

Depois pediu por acenos ao povo, agrupado em torno dele, que lhe deixasse uma clareira para ver o Dourado. Queria que as suas pupilas ficassem impregnadas da figura olímpica do burro. E foi olhando para ele, sem ódio, embebendo-se de sua imagem, que as suas pálpebras se foram cerrando, cerrando, até que, num arquejo mais forte, a alma lhe voou para sempre do corpo.

Os presentes choraram, comovidos.

O sol, que o velório de uma nuvem ofuscara por alguns instantes, dardejava agora os seus raios mornos sobre o corpo esgrouviado do velho peão, envolvendo-o num halo de claridade intensa.

Longe, nas campinas verdes, onde a luz retouçava, as éguas árdegas aleitavam as crias, nitrindo. Vacas chamavam saudosas⁶⁵ pelos filhos presos. Bandos álacres de pombos domésticos passavam, em revoada, pintalgando⁶⁶ de sombras esguias o leito fofo da esplanada.

Pássaros cantavam.

⁶⁵ As palavras *chamavam saudosas* substituem outras palavras rasuradas, mas ilegíveis.

⁶⁶ As duas sílabas finais de *pintalgando* foram acrescentadas posteriormente, na entrelinha superior.

TIO JACINTO

Noite de São João.

A fogueira que a devoção da sinhá Maria costumava, todo ano, levantar, em louvor de São João, crepitava quase apagada. A fúria abrasadora das primeiras labaredas que, em torcicolos repentinos, lambiam freneticamente o ar, sucedia aquela calma de fogueira a esfazer-se em brasas.

Aqui e ali, ainda se erguiam pequenas chamas, roendo transversalmente os grossos troncos.

O braseiro ardente esperava, coruscando, os gordos pés das robustas sertanejas e as espreiadas chancas dos latagões da aldeia, para o compadrio.

A cerimônia constituía o que de mais simples se pode imaginar. Os moços escolhiam as raparigas com que deviam, de mãos dadas, passar sobre as áscuas escaldantes. Desde esse dia, ficavam sendo compadres, para todos os efeitos. Ao contrário do ligâmen espiritual, contraído na pia da água lustral, o compadresco nascia aqui do batismo pelo fogo.

JOÃO DAS CHAGAS (ISMAEL COUTINHO)

Por ordem da sinhá Maria, trouxeram para junto da fogueira um ceirão⁶⁷ de aipim, um cesto de batatas e muitos molhos de cana.

Chegou a vez da criançada. Não se sabia explicar de onde surgira tanta criança.

Parecia, na avidez com que se lançava cada qual, mais apressado, para escolher o melhor quinhão, um bando de esfaimado de corvos, a tripudiar sobre a lombada de uma rês, disputando-lhe os pedaços.

Não raro, daquele oceano revolto de braços e cabeças, saía, aos gritos, sapateando desordenadamente na relva, uma criança com brasas agarradas às plantas.

Na sala, a rapaziada treinava, no trebelho desenvolto, refrescando, a espaços, no canjirão referto de vinho espumoso as gargantas ressecadas.

O céu, como uma safira enorme, olhava, lá de cima, pelos olhos minúsculos das estrelas, a terra adormecida.

A lua semelhava um branco escaler luminoso, a vogar, oscilando mansamente, na imensidade tranquila do céu azul.

As árvores, que uma aragem branda agitava, sacudiam, lânguidas, a neblina prateada dos cabelos.

Lá de dentro, chegavam distintamente sons melancólicos de viola, acompanhando o desafio:

⁶⁷ *Ceirão* é um cesto para a pesca de fabrico artesanal, tipicamente algarvio, cujo tamanho padrão tem as seguintes medidas: 60 cm x 30 cm x 30 cm

– Morena, teus ólho é uva,
Daquela que faz o vinho,
Teus braços é uma gaiola,
Eu vou ser teu canarinho.

– Caboclo regala os ólho,
Regala os ólho de sapo,
E arrepara que a morena,
Não é morena pro teu papo.

E a toada continuava, monótona e dolente, varando o silêncio da noite, derramando-se pelos socavões soturnos e quebradas ermas.

Ninguém reparou no tio Jacinto que, velhinho e curvo, sentado no último degrau da escada, fixava as pupilas desmaiadas, no braseiro, matutando:

– Que fora ali fazer? Era bem merecido aquele abandono. As festas eram para os moços que tinham manhãs radiosas a cantar-lhes dentro d’alma. Aos velhos tocava a soledade, a penumbra, o ocaso... E ele sentiu-se como que deslocado naquele ambiente de risos⁶⁸.

A mocidade que se divertisse!... Era justo. Não folgara também no seu tempo de moço? O seu tempo de moço!... Como isso ia longe!... E tio Jacinto sacudiu, numa resignação nazarena, a cabeça encanecida que o luar beijava, acariciando-a. Depois levantou os olhos amortecidos para o céu, fitando a

⁶⁸ A palavra *risos* substitui a palavra *feita*, a que se sobrepõe, depois de apagada esta.

lua. Só ela não mudara, sempre redonda e linda, como nos tempos áureos da sua mocidade... E os seus olhos marejaram-se de lágrimas.

Nem percebeu, na sua dolorosa excursão ao passado, que os meninos o cercavam, suplicando-lhe:

– Tio Jacinto, conte-nos uma história, uma história bonita...

E tio Jacinto teve que voltar à realidade da vida. Compreendeu afinal o papel que lhe cabia representar no mundo. Os velhos não passam, em verdade, de crianças senis. Estava, pois, no seu meio, entre as crianças, como uma criança mais velha.

E, resignado, começou a história:

Foi lá para as bandas de Diamantina... Nesse tempo, não pensem vocês que Diamantina era a cidade que é hoje. Modesto arraialzinho, de umas cinquenta casas apenas, vivia a vida obscura e pacata dos povoados sertanejos. É verdade que, de quando em quando, um ou outro crime sobressaltava a atenção pública, interrompendo-lhe o curso normal. Mas isso, todos sabiam, era a população adventícia que a sede do ouro arrebanhava.

De trem de ferro, nem se falava ainda. E fossem lá dizer ao matuto diamantinense que uma locomotiva pesada podia rodar sobre os trilhos, sem tombar!... Que assuada, santo Deus!...

Os transportes eram feitos, quase exclusivamente, sobre o lombo dos animais. As tropas cruzavam os sertões mineiros, em todas as direções.

A cata do diamante e do ouro desvairava então os cérebros.

As bandeiras sucediam-se a pequenos intervalos. Uma detinham-se, na póvoa humilde, o tempo suficiente para tomar um breve descanso, e partiam depois, sertões a dentro, em procura da miragem falaciosa que lhes fugia sempre. Outras estanciavam por ali, anos inteiros.

Um dia, teve o arraial a atenção despertada por uma imponente caravana que entrava, choutando, ao passo cadenciado das mulas nédias⁶⁹. As arreatas de couro novo e luzidio, manchetas de tachinhas de ouro, faiscavam ao sol.

À frente, a madrinha tintinabulava festivamente, espalhafatosamente, o cinorro pendente do pescoço. Vinham depois as azêmolas anafadas, vergando o corpo ao peso das cangalhas novas, em cujo cimo tripudiavam, em saudação à terra, bandeirolas tricolores.

O povo, no auge da admiração, comprimia-se, pasmado, nas portas e janelas, para ver passar a soberba cavalgada.

Foi uma apoteose quando apareceu a figura homérica do senhor de todo aquele fausto, cavalgando um magnífico ginete, negro como a noite, de crinas bastas e cauda comprida, a rebolar, sob a gualdrapa, tauxiada de pedrarias raras, a carne

⁶⁹ O adjetivo *nédias* foi acrescentado na entrelinha superior.

roliça de animal acarinhado. à sua destra, com a desenvoltura de uma amazona, sobre um não menos formoso corcel, marchava uma beleza egípcia, de olhos deslumbradoramente pretos e profundos, cabelos ondedados e longos, a fugirem-lhe de sob o toucado, numa chuva de ébano, pelas níveas espáduas e colo alabastrino, que um belíssimo roscier de pérolas finas emoldurava.

Fechando a marca, vinham os lacais, garbosamente empertigados nas suas librés de ouro, com as plumas dos capacetes reluzentes, esvoaçando ao vento. Cães de várias raças, escolhidos a rigor, em chouto vagaroso, ganiem, farejando o ar.

Toda Diamantina vibrava de admiração e de curiosidade.

– Quem seria aquele jovem senhor – indagavam, ansiosas, as bocas. Talvez algum príncipe oriental ou argentário americano, em excursão de recreio...

Os boatos circulavam, desencontrados.

O numeroso séquito estacou numa vasta área desocupada, ao centro do arraial. Aí distenderam as tendas de lona as longas asas brancas, em bênçãos de sombra e de conforto. Apesar da curiosidade, o povo manteve-se respeitoso, à distância.

A chegada de forasteiros começava a inquietar, não sem justa causa, o ânimo dos naturais. Entre os homens honestos que a atração do ouro dominava, vinham também criminosos

da pior espécie. E já se contavam, por inúmeros, os casos de assaltos e roubos artificiosos, levados a efeito dentro mesmo do arraial.

Desta feita, porém, a inquietação era motivada apenas pela curiosidade natural de ver coisas novas e bonitas.

Bem ao centro da área, alteava-se a tenda do jovem senhor, luminosamente alva, na sua majestade olímpica de rainha. As outras estendiam-se-lhe reverentes, em torno.

À pompa radiosa de um dia claro de sol, sucedeu a cela-gem trágica de uma noite patibular. Nuvens negras varejavam a abóbada sombria, em carreira vertiginosa, enchendo o espaço de fumo espesso. Abutres zigue-zagueavam, recortando a túnica fuliginosa do céu farrusco. Trovões ribombavam ameaçadores, espalhando o terror com os estampidos formidolosos de sua artilharia pesada. O vento ramalhava furiosamente, estortegando as frondes intonsas das árvores copadas.

O povo acolhera-se, medroso, à tepidez dos lares. A chuva desabou, grossa.

A aluvião defluía, regougando, em caudais precipitosas e barrentas, carreando, em bubuia, aos trambolhões, pelos declives, ervas esturricadas, galhos ressequidos, cacarejos sórdidos, carapelas imundas, tomados aos esterquilínios.

Altas horas da noite, sobrepondo-se ao fragor da procela, que diminuía um pouco a sua impetuosidade, um grito ecoou, angustioso e lúgubre, como de moribundo no último estertor.

Foi um reboleio. Os lacaios e demais membros da comitiva arrancados ao sono confortador da madrugada, corriam, aturdidos, sem saber que rumo tomar.

O grito partira da barraca do chefe.

Aí, num mar de sangue, encontraram, agonizando, cum um profundo ferimento no peito, a esposa angelical do jovem senhor.

– Que bárbaro tivera o ousio de profanar aquele corpo ascético de santa, com a lâmina irreverente de um punhal? E qual fora o movel daquele nefando crime? – eram as interrogações que brotavam de todos os lábios, sem encontrarem resposta.

Súbito, um fâmulo dá pela falta do colar. Faltava-lhe, a ela, o colar de pérolas no pescoço...

E ficou assim provado que fora o roubo o motivo daquele bárbaro assassinio.

Organizou-se às pressas uma escolta para a captura do criminoso. Este, porém, fugira a tempo, sem deixar o menor indício. Parecia que a terra se tinha aberto, para escondê-lo no seio.

Minutos após, fechava para sempre os olhos – olhos que recordavam nesgas de céu sereno – aquela que era na terra o pensamento único de seu esposo, a vida da sua vida, a razão de ser da sua felicidade.

No dia seguinte, um féretro, lutuoso e mesto, transpôs, vagarosa e solenemente, as alfurjas tortuosas da humilde povoação, em demanda do cemitério.

O povo correu, solícito, ajudando a transportar à última morada o corpo escultural daquela beleza fascinadora, que na véspera o enlevara.

O aspecto contristador do mísero viúvo, acompanhando, cabisbaixo, o negro mortório, dilacerava os corações. A dor se lhe estampava, lancinante e cruel, nas faces cavadas e nas orelheiras profundas da longa vigília. Nunca mais em seus lábios desabrochou a flor de um sorriso. Encolhido em sua mágoa, evitando o mais possível o contato dos homens, sempre taciturno, a revolver, no íntimo, pensamentos lúgubres, ele era como um fantasma a que a própria sombra aterrasse.

Uma manhã, deram pela ausência do jovem senhor, dono de todo aquele fausto. Lacaios cruzaram os arredores no seu encalço. Mas, tudo⁷⁰ debalde. O seu desaparecimento repentino preocupou, por alguns dias, a atenção dos matutos diamantinos. Depois tudo voltou à calma habitual, e não mais se falou neste assunto.

Interessado em se afastar, o mais cedo possível, das testemunhas da sua passada felicidade, o infeliz viúvo tanto pôs nisso o seu empenho, que conseguiu realizá-lo. Depois de alguns dias de viagem pela vastidão intermínua das matas, chegou a uma obscura aldeiazinha, encravada entre montanhas

⁷⁰ A palavra *tudo* é um acréscimo na entrelinha superior.

híspidas, onde se resolveu a passar o resto da vida, sozinho com a sua saudade. Em noites assim tão lindas, no terreiro assentado, costuma, à luz da lua, aliviar a dor cruciante daquela saudade incoercível, contemplando o céu azulado. Não é o céu a mansão dos anjos? E tio Jacinto teve um soluço a estrangular-lhe a voz.

– Pois ela era um anjo...

As crianças quedavam-se absortas, ouvindo a palavra comovida do ancião venerável, sem ousar interrompê-lo. Bem longe estavam elas de supor que aquela dolorosa história, era o drama vivo da vida de tio Jacinto. Os anos haviam transmudado o jovem senhor de outros tempos naquela carcaça de velho.

Do braseiro, subia agora um cheiro forte de aipim cozido.

O desafio continuava aceso, lá dentro.

O vento cantava em surdina, casando a sua voz gemedora aos sons dolentes da viola.

Ou fosse abatimento natural, causado pelo esforço de narrar o seu triste passado, ou prostração, motivada pela dor da saudade, o certo é que tio Jacinto arquejava.

O luar batia-lhe em cheio no rosto macilento, fazendo ressaltar-lhe inda mais, a alvura imaculada das barbas brancas.

Duas lágrimas [...] ⁷¹ luciluziram-lhe à flor das pálpebras, deslizando-lhe ⁷² depois, serenamente, pelas faces enge-lhadas.

Não eram os velhos muito semelhantes às crianças? Não deviam, portanto, estranhar-lhe aquela fraqueza.

⁷¹ Há, neste ponto, um furo no papel.

⁷² Foi rasurado o pronome –se- da expressão *deslizando-se-lhe*.

O BENEDITO⁷³

Era franzino, esguio, pálido. Tinha o ar doentio das crianças que nascem de casais já velhos e passam a vida a lutar contra os apertos da miséria. Pai, não o chegara a conhecer. Não possuía irmãos. A mãe, uma tuberculosa, pouco tempo sobrevivera ao seu nascimento. Três anos, se tanto. Era pequeno, mas lembrava-se bem. Fora por um dia de setembro, de sol claro, cheio de flores e da alacridade esfuziante dos pássaros, que ela, num adeus sentido, fechara para sempre os olhos. Na terra, só lhe ficou a avó, uma velhinha engelhada, cujos cabelos imitavam a brancura imaculada do arminho.

Apesar da sua pobreza laboriosa, mas honrada, – a velha cosia para viver – tomou a seu cargo o cuidado do orfãozinho.

À proporção que ele ia crescendo, ministrava-lhe, carinhosa, as mais salutares lições e conselhos, que mais tarde haviam de habilitá-lo a ganhar, honradamente, o seu pão cotidiano.

⁷³ Manuscrito bem conservado, em doze tiras numeradas no topo.

Quando andava aí pelos sete anos, a avó propôs-lhe um negócio lucrativo. Ela guardava umas pequenas economias que as suas trabalhosas costuras lhe haviam deixado. Com elas, compraria cocos e açúcar, fazia uns doces, que o netinho devia levar à rua para vender. Vendidos, lhe daria uma percentagem.

Benedito aceitou a proposta, com entusiasmo.

No outro dia, saiu, com efeito, com a bandejinha de doces, na palma da mão, apregoando, na sua voz arrastada de criança anêmica, as finas cocadas que as mãos asseadas da tia Rosalina haviam feito. Todos sabiam que, em negócios de asseio, a tia Rosalina era intransigente. Por isso compravam, sem escrúpulos, as cocadinhas frescas, frescas e boas, que o Benedito lhes oferecia. Em breve, estava com a bandeja vazia. E foi com uma alegria doida, que o Benedito correu a casa, para noticiar o fato à avó.

No dia seguinte, nova bandeja que se esvaziou, com a mesma rapidez da precedente.

Das cocadas, passou tia Rosalina aos doces de leite, de cidra, de banana, marmelo, goiaba. E a freguesia, não mais se contentando com o que saía à rua, fazia suas encomendas diretamente à tia Rosalina. Tantos eram os pedidos que a velha, para os satisfazer, se via em grandes apuros.

Benedito ajuntou um pequeno pecúlio, que as novas vendas, dia a dia, aumentavam. Comprara já umas roupinhas novas, um chapéu novo, umas botinas também novas. Até

botinas comprara o Benedito! É verdade que ainda as não calçara, conservando-as, por precaução contra possíveis larápios, bem escondidinhas, no fundo do baú.

A festa não estava longe. Era o dia que escolhera para esticá-las. E todo se deliciava com a expectativa de espanto dos seus companheiros de rua, quando o vissem com aquelas duas joias nos pés, rinchadeiras como não havia outras, a passear no adro da igreja. Para essa ocasião, reservara também uma fatiota nova, talhada de feitio⁷⁴ a pôr água na boca dos almofadinhas da vila. Ao menos, assim pensava ele.

Chegou, por fim, o dia tão ansiosamente esperado por Benedito. Chegou e passou como os outros dias. Benedito envergou o seu terno novo, cheirando ainda aos alinhavos recentes, calçou as suas botinas rinchadeiras, andou de tabuleiro em tabuleiro, de mãos nos bolsos como um rico homem, a pagar doces para os conhecidos, e não se desdenhou mesmo de arriscar alguns minguados cobs no caipira. Arriscou e ganhou.

Daquela insípida festa, só lhe ficou o gosto pelo jogo. Até então, não sabia o que vinha a ser aquilo, nunca jogara.

Inexperiente como era, e animado, de mais a mais, pela sorte que lhe sorria animadora, descobriu, logo, no jogo, um meio fácil de enriquecer. Descobriu e entregou-se-lhe de alma e corpo. Primeiro ao caipira, depois à roleta, por último ao baralho.

⁷⁴ A palavra *feitio* substitui a palavra *pesponto*, que foi rasurada.

O hábito do jogo operou nele uma transformação completa. Já não era o mesmo menino, serviçal e meigo, de outros tempos. A criança gárrula de outrora desaparecera; em seu lugar, ficara aquele estafermo, de ar concentrado, sempre medido consigo mesmo.

A ambição de ganhar levou-o à frequência de uma sociedade corrupta, às casas de reputação duvidosa, onde se dizem as coisas mais torpes, com a maior sem-cerimônia do mundo, entre goles de aguardente baixa. Em tais lugares, costumava, às vezes, a passar grande parte da noite.

Foi estranhando-lhe a súbita mudança de proceder, e desconfiada do que poderia ocasioná-la, que tia Rosalina, carinhosa como todas as avós, se resolveu a dar-lhe alguns conselhos. Longe dela o desejo de molestá-lo. Se lhe falava, era unicamente para seu bem. Julgava-o um rapazinho de juízo, não obstante admoestava-o a que tomasse muito cuidado com as companhias. E a velhinha contava, chorosa, inúmeros casos de meninos bons que, ao depois, se transformaram em bandidos da pior espécie, pela falta de escrúpulo em escolher os companheiros.

– Não tinha ouvido falar no Fortunato, o perigoso saltador que todos temiam? Pois ela o conhecera rapaz honesto, empregado de uma acreditada casa comercial. Foram as más companhias que o desviaram da linha reta do dever...

Benedito escutava-a, calado. Amava muito a avó, para afligi-la com respostas ásperas. Todavia, não gostava das suas advertências. Sabia perfeitamente o que estava fazendo.

Nessa noite, voltou mais tarde para casa. Quando bateu à porta, já os galos cantavam. A avó que velava, solícita, à sua espera, quase desmaiou de dor, quando o viu entrar roto, com as roupas sujas de lama a atestar as quedas que dera pelas ruas, o ar apatetado de quem não entende nada do que se está passando com ele, as pernas infirmes, bamboleantes, num sorriso alvar na boca babugenta, a praguejar ainda por cima umas coisas tão feias, que teriam posto de pé os seus cabelos, se ela, precavida, os não conservasse bem enrolados e seguros a grampos, no alto da cabeça.

Foi, pois, com lágrimas nos olhos, que ela o repreendeu:

– Aquilo não podia continuar assim. Que se emendasse, do contrário seria forçada a expulsá-lo de casa. Em sua família, graças a Deus, nunca sucedera semelhante coisa. Soubera criar os filhos. Se lhes não dera muita instrução, criara-os, todavia, honestos e laboriosos. Bêbados, é que ninguém lhes poderia chamar...

Ao recolher-se, essa noite, ao seu pequeno quarto, sozinha com o seu desgosto, a velha parecia mais enrugada, mais curva; alvejavam-lhe mais brancos os cabelos ralos. É que, naquele momento fatídico, assistira à morte de sua derradeira esperança.

Arrancai a tábua de salvação das mãos do nauta, que luta no turbilhão das ondas rugidoras, e vereis como ele desfalece imediatamente. A esperança é uma espécie de tábua salvadora a que nos apegamos na vida. Se ela nos foge, o desânimo invade-nos, o entusiasmo arrefece e a estrada que, animosos, trilhávamos, sorrindo às flores desabrochadas pelas margens, transforma-se para nós em um leito fragoso de urzes e abrolhos.

Aquele neto era, para a velha, a sua alegria única, todo o seu sonho de felicidade. Nele esperava descansar, futuramente, das suas passadas fadigas. Nos seus devaneios inofensivos, sonhava já com uma casinha própria, ensombrada de trepadeiras, muito aseada, com um quarto para si, outro para o Benedito, uma sala de jantar bem arejada, ótima cozinha. Ao centro da sala, uma mesa de verniz, forrada de alvíssima toalha de algodão, sobre que disporia, à tarde, os pratos de louça, indo sentar-se pacientemente à soleira da porta, aberta sobre o jardim, para aguardar a chegada do neto. Não se arreceava de que ele viesse fatigado, sem fome. Para isso tinha recursos, que sabia preparar bons caldos, coisas de meter água na boca de toda a gente.

Foi assistindo ao desmoronamento de todos esses castelos, que tia Rosalina se recolheu ao quarto, aquela noite, mais enrugada, mas branca, mais velha.

Benedito, mal a avó se retirara, estendeu-se, de fio comprido, ali para um canto, e pegou no sono. Reservara as expli-

cações⁷⁵ para o dia seguinte, que, naquele momento, estava a não poder mais consigo, de tanto sono.

Ainda bem não dormira uma hora, quando ouviu gritos abafados de socorro. A voz parecia da avó. Aplicou bem o ouvido. Não se enganara. Era mesmo dela. Estremunhado, tonto mais do sono que da bebedeira, pôs-se de pé, cambaleando. O corpo inteiro lhe doía. Nem que tivesse tomado uma formidável tunda de pau, lhe doeria tanto.

Acostumado a ver nas trevas, lançou o olhar em torno, orientando-se. Os gritos chegavam-lhe agora mais distintos. No pressentimento de que alguma⁷⁶ desgraça a ameaçava, encaminhou-se, resolutamente, para a câmara da avó. Impeliu a porta que estava apenas cerrada e, à luz dúbia de uma lamparina de querosene, viu destacar-se, sinistramente, diante dele⁷⁷, a figura anguloso de um homem, exigindo, de faca em punho, da velha aterrorizada, que lhe revelasse o sítio onde guardava as suas economias.

Benedito não perdeu tempo. Avançou corajosamente para ele. E, à luz fúnebre daquele recinto sombrio, dois corpos trágicos se estreitaram numa luta desigual: – o heroísmo de uma criança a desafiar a cólera de um bandido. Ouviu-se o baque seco de um corpo no soalho, seguido da fuga precipitada de um vulgo a esgueirar-se, sorrateiro, pela porta entreaberta. Benedito tombara, vencido. Animoso e denodado, tentou

⁷⁵ As palavras seguintes *que devia dar-lhe* foram rasuradas.

⁷⁶ A palavra *alguma* foi escrita na entrelinha superior.

⁷⁷ A expressão *diante dele* foi acrescentada na entrelinha superior.

ainda levantar-se, para correr em perseguição do gatuno, mas as forças o abandonaram, e ele rolou pesadamente no soalho.

Mal voltada a si do susto por que passara, tia Rosalina ergue-se, cautelosa, do canto a que, aproveitando a intervenção do neto se acoutara, para fugir à sanha do malvado. /ergue-se e dá com Benedito, que ela supunha ainda bêbado, estirado no pavimento.

À vista da avó, o mísero⁷⁸ sentiu remorsos das suas ingratidões. E foi com sincero arrependimento que lhe pediu perdão:

– A avozinha me perdoe os desgostos que lhe tenho dado...

Falava numa voz arrastada, langue, que ia, a pouco e pouco, perdendo o timbre natural, morrendo-lhe num longo e doloroso gemido.

Tia Rosalina sentia-lhe as mãos úmidas, geladas, comprimindo nervosamente as suas. Com um pressentimento da terrível fatalidade que sobre ele passava, retraiu-as automaticamente. As suas mãos estavam tintas de sangue. Santo Deus, Benedito saíra ferido da luta.

Rápida, apanhou a lamparina de sobre a mesa, para contemplar a natureza do ferimento. Mas Benedito, apertando a mão contra o peito, a tranquilizou, dizendo que aquilo não era nada. Um simples arranhãozinho sem consequência nenhuma grava. E, com os olhos amortecidos, os lábios pálidos, à morte

⁷⁸ As palavras *o mísero* foram acrescentadas na entrelinha superior.

que se aproximava⁷⁹, solicitou-lhe que se chegasse bem junto dele.

– A avozinha gosta de mim? Gosta muito do seu Benedito?

– Que pergunta, menino. Por que não hei de gostar de ti?... Gosto muito, sim.

– É que eu a tenho feito sofrer tanto, tanto...

E, dizendo isto, pendeu docemente a cabeça para trás. Calmo, sem contrações, acabava de [en]regar⁸⁰ a sua bela alma ao Criador de todos os seres.

Os galos cantavam. Pássaros, ocultos sob ramarias verdes, entoavam, em coro, uma ode triunfal, em saudação⁸¹ ao dia nascente.

Amanhecia.

Fim.

⁷⁹ As palavras *se aproximava* substituem, na entrelinha superior, a palavra *chegava*, que foi rasurada.

⁸⁰ Um furo no papel destruiu a primeira sílaba da palavra *[en]regar*.

⁸¹ As palavras *em saudação* substituem a palavra *saudando*, cujo final foi rasurado.

O NEGRO EUGÊNIO⁸²

Desde cedo, o capitão Mascarenhas andava impaciente, batendo, de encontro ao soalho da fazenda, os grossos tacões de suas velhas botas de couro.

A sua voz ecoava, forte e imperiosa, nas ordens que transmitia aos criados. Nem uma providência passava despercebida à agudeza do seu cérebro.

Mal clareou o dia, embaixo, no engenho, começaram a aparecer os caboclos que o capitão contratara para fazer parte da escolta. Desta vez, queria ver o negro a seus pés, manietado e humilde, como uma ovelha que vai para o matadouro.

As façanhas do preto Eugênio principiavam a abalar-lhe a autoridade, dentro dos seus domínios. Era preciso pôr cobro àquelas proezas.

Para isso, reunira aquela gente, o escol dos valentões num raio de cinco léguas em redor. Achavam-se presentes- o Genciano, o Leopoldo, o Clementino, o Chico Valadão, o

⁸² Conto escrito especialmente para *O Jornal*, preservado em datiloscrito.

Norberto, o Martinho – todos, muito conhecidos, em todo aquele sertão, pelos seus numerosos crimes. A fantasia popular, sempre inclinada ao exagero, emprestava-lhes até um certo dom de invulnerabilidade, que mais temidos os tornavam.

Não havia *Laport*, mesmo troçada, que conseguisse perfurar-lhes os peitos hercúleos. Ora, *Laport!*... Se até as pernambucanas, as legítimas pernambucanas, empunhadas por braços vigorosos, entortavam-se, respeitando-lhes a rija carnadura...

Passando uma última revista ao pessoal, a que se juntara e, na íntima satisfação de ver escrupulosamente cumpridas as suas ordens, o capitão montou o seu ardido ginete, colocando-se à frente do bando!

É sua voz de comando, todos se movimentaram.

Dois cavaleiros se postaram ao lado do chefe, de espingardas a tiracolo. Seguiam-se-lhes os valentões, a pé; fechando a retaguarda, a arraia miúda da fazenda. Desta figurava um portuguesinho, chegado havia pouco da terra, que divertia com as suas fanfarronices os mais do bando.

Para ele, arma de fogo era coisa de pouca valia. Um bom cacete e seria capaz de, sozinho, pôr em fuga meia dúzia de negros como o Eugênio. Fossem perguntar aos lobos de sua santa terrinha...

A marcha se fazia numa jovialidade que contrastava sobremaneira com o fim da escolta. A rude gente do sertão habi-

tua-se cedo à vida do crime, o que vem a ser uma consequência lógica do meio em que vivem.

O desejo de vingança arma-lhe um dia o braço. E não há⁸³ nisso que censurar, porque o ofendido não tem outro meio de se desagrar. Justiça... só feita pelas próprias mãos. Os poderes públicos não lhes oferecem outro meio.

De honrados vingadores de ultrajes, passam logo a capangas dos fazendeiros, e daí a bandidos, que se vendem para arrancar a vida dos outros, é um pulo.

O sol surgiu no horizonte, banhando de luz os píncaros azulados das montanhas longínquas. Não demorou muito que se viesse refletir, em raios multicores, nos canos das espingardas.

Havia quase uma hora que a escolta marchava, subindo morros, descendo encostas, palmilhando rochas, onde uma vegetação, sedida e enfezada, a custo arrancava ao solo a seiva necessária à sua subsistência. Meia légua mais e a marcha chegaria ao seu termo.

Apenas transpuseram um capão de mato, avistaram, ao longe, o teto de sapé, denegrado pelo tempo, da casinha de Eugênio, a destacar-se dentre os penachos louros do milho, que uma branda aragem agitava.

– Vamos apanhar a fera em seu covil – bradou-lhes o capitão. E agora, silêncio e armas na mão. Eu chegarei pela frente, vocês guardarão as portas e janelas laterais e as que dão

⁸³ O datiloscrito traz *E na-há*, que me parece mero erro de datilografia.

para os fundos. Toda a vigilância será pouca. Não nos vá ele escapar...

E a manobra começou a ser executada com muita ordem e prontidão. O bando se dividiu em dois. Um tomou à direita, subiu um pequeno lançante, com as precauções necessárias para não ser visto, enquanto o outro, à esquer[da,]⁸⁴ contornava um pântano, coberto de tabua. As duas colunas encontraram-se atrás da casa do preto, cercando-a por todos os lados. O plano da manobra foi cumprido com a máxima exatidão.

O capitão, ladeado dos seus dois guardas, à porta, reclamou de Eugênio⁸⁵ que lha abrisse. Vinha da parte da polícia. Precisava ajustar contas com ele. Seria inútil qualquer resistência ou tentativa de fuga.

Desde aquela feita, na venda do cunhado do capitão, esperava Eugênio, a cada momento, a visita deste. Conhecia-o de sobra... Não que o capitão fosse homem de aventuras e guerras, não... Uma só coisa o preocupava – a manutenção firme da sua autoridade, dentro das suas terras. Neste ponto ele era irredutível. Pelo que, mal lhe ouviu a intimação, Eugênio lhe abriu a pequena porta, de madeira mal lavrada, de sua humilde habitação.

– Antão, vancê, patrão, qué memo levá o nego, hoje...

⁸⁴ Trata-se, com certeza, da palavra *esquerda*, apesar de faltar-lhe a última sílaba, que estaria na linha seguinte.

⁸⁵ As palavras de *Eugênio* estão na entrelinha superior.

– Se quero!... Vivo ou morto, hás de dar hoje com o costado na fazenda. Sabes o que mais? Avia-te, que não temos tempo a perder.

– Cum vancê sozinho, num hai dúvida, patrão, que eu vou⁸⁶ até no inferno. Mas com essa muntuera de gente atrais de mim, me adiscurpe, que eu num vou, não...

A conversa chamou a atenção de alguns membros da escolta, os quais, deixando a guarda das suas posições aos companheiros, se foram colocar ao lado do capitão, para o defender de qualquer ataque inesperado.

Entre estes, avultara a figura atlética do Clementino, a quem Eugênio votava um ódio de morte. Dos seus inimigos, o mais detestado era aquele mulato. Por isso, ninguém estranhou o olhar feroz que ele lhe deitou. Conheciam sobejamente a velha rixa, existente entre os dois.

A coisa se passara deste modo. Num pagode, que o mestre João Cândido costumava dar anualmente, com o produto das esmolos, que, de porta em porta, arrecadava com a folia, Clementino dirigiu galanteios à caseira de Eugênio. De mero galanteador, passou com presteza a dono absoluto do coração da cafuza. Daí a fugir com ela, aproveitando a escuridão da noite, fora obra de poucos minutos. De mais, dizia-se que Clementino era o único homem daquela redondeza, capaz de enfrentar Eugênio, com vantagem. Não era, pois, sem causa, aquele velho ódio do negro contra o mulato.

⁸⁶ A palavra *vou* está repetida. E o contexto não dá nenhum sentido a essa repetição.

– Não havia dúvida. Ele também fazia parte da escolta que viera prendê-lo – o inimigo detestado. Entregar-se à prisão seria o mesmo que se expor às mãos do seu adversário. Depois, este que o sabia valente, vendo-o entregar-se com resistência, talvez o fizesse alvo das suas zombarias. E, numa resolução súbita, disse ao capitão que se não entregaria. Matassem-no, se quisessem...

Foi o sinal de fogo. Luta, de que serviria lutar com um inimigo como o Eugênio? Adestrado nos exercícios da capoeira, como ele era, só mesmo arma de fogo. E o tiroteio começou, cerrado. Muitos atiravam, mais pelo prazer de ostentar depois as armas vazias, do que com o intuito de acertarem. A isso e também à confusão, que logo se estabeleceu, deveu Eugênio a felicidade de não ser atingido pelas balas.

Decidiu-se então a vender-lhes caro a vida. Num ímpeto, saltou sobre a escolta, que já se achava toda reunida à sua frente, e semelhante a um ciclone que, na passagem, tudo leva de vencida, o seu braço, cada vez que se levantava, era para fazer um inimigo morder o pó do terreiro.

Fugir em tal emergência seria o mesmo que se deixar matar. O que se fazia mister, era lutar corpo a corpo, braço a braço, enquanto lhe restasse um pouco de forças.

As facas refulgiam no ar, os cacetes cabriolavam, numa confusão, que prejudicava a própria situação dos atacantes.

A figura de Eugênio, ora se sumia completamente na nuvem de braços que se alçavam, ora se destacava, heroica e

sublime, nimbada por uma auréola de luz, como o símbolo augusto do heroísmo.

Duvidoso do resultado, o capitão, como medida de prudência, se colocou a alguns passos do teatro da luta. Tanto mais que a sua coadjuvação seria de pouca eficiência. Já detonara, infrutiferamente, todas as balas do seu *Smith and Wesson*.

A arraia miúda começou a debandar. No campo da peleja, só ficaram os que tinham um nome que zelar. Desses mesmos, quatro desistiram.

Norberto e Clementino eram infatigáveis. Agora, que a fuga dos companheiros lhes dava mais liberdade de ação, queriam mostrar ao negro de quanto era capaz o vigor de seus músculos. Eugênio, por sua parte, vendo na deserção dos inimigos um sinal certo da vitória, tirava disso motivo para se bater com mais ardor.

Clementino ganhava ao companheiro a palma no ataque. Bem sabia que aquele momento era, para ele, o mais solene da vida. Dele estavam pendente um futuro de humilhações ou de glórias. Vencido, teria que arrostar os motejos daqueles mesmos que agora o respeitavam. Vencedor, continuaria o rosário glorioso dos seus feitos imortais, com a glória de mais aquele triunfo.

Não tardou muito que ficasse único na arena de combate. Norberto recebera um grava ferimento na cabeça. O sangue que dele manava, empanando-lhe a visão, não lhe permitia

mais a permanência ali. E foi então que a luta apresentou a sua face mais dramática, de lances trágicos e expectativas inquietadoras. Não eram criaturas humanas que a exigência da honra reclamava que se digladiassem, mas duas feras bravias que, no sangue do inimigo, desejavam cevar todo o ódio dos seus instintos selvagens.

Os corpos enlaçados, em contrações espasmódicas de músculos, os ossos estalando à pressão dos pulsos, os olhos injetados a saltarem-lhes das órbitas, demonstravam claramente o empenho que ambos tinham em vencer.

Conseguindo desvencilhar-se do rival, Eugênio, rápido como um veado, se apoderou de uma faca que a pressa de algum inimigo em fugir, ali abandonara, e, sem mais delongas, avançou para o adversário. A desigualdade da luta era agora mais que patente.

Clementino quis ainda resistir. Com os braços, procurou inutilizar as arremetidas do negro. Mas ia cedendo-lhe o campo, recuando, recuando sempre... Nem percebeu que tocava a extremidade do terreiro, que um pequeno fosso limitava. A terra faltou-lhe debaixo dos pés e o colosso tombou para não mais se erguer. É que Eugênio, aproveitando o ensejo da queda, lhe cravara a faca em pleno peito. Foi uma morte que todos lastimaram. O capitão... esse jurou que voltaria, para vingar a afronta daquele derrota e a morte de Clementino. Não se se cumpriu a palavra.

Acompanhamos agora o portuguesinho, já nosso conhecido.

Aproveitando uma ocasião em que a luta era mais intensa, fugiu sem ser notado. E em tão más condições o fez que o único caminho desimpedido era o brejo das tabuas. Mas ele não teve a menor hesitação. Embarafustou por entre o tabual. Os seus grossos sapatões ferrados, semelhante ao cavalo de Átila, no lugar em que pisava, não consentiam que a tabua ficasse de pé. Chapinhando na lama, curvado para não ser pressentido, o pobre do homem passou um quarto de hora aziago. E, como não há mal que sempre dure, conseguiu chegar, por fim, à margem oposta. De lá, ainda relanceou os olhos para trás. O espetáculo que se lhe deparou não foi dos mais animadores, porque o homenzinho, apesar de muito cansado, tirou da sua contemplação forças para ganhar uma derrubada nova de café. Saltando os grossos troncos de madeira, que lhe obstruíam a passagem, descobriu um esconderijo, onde se determinou passar o resto do dia, esperando a noite, para regressar à fazenda. Ainda aí não foi feliz o mísero minhoto.

Temendo ser surpreendido à noite, em casa, por nova escolta, Eugênio, à tardinha, se dirigiu para o sítio, muito seu conhecido (ora ocupado pelo nosso homem) a fim de lá passar, tranquilo, as horas da noite. Imaginem qual não foi a sua surpresa ao encontrá-lo habitado. Não quero falar da do nosso amigo, porque essa teve a agravante de se manifestar acompanhada de um certo pavor, que o levou a pedir, aos pés de Eugênio, lhe poupasse a vida. O aspecto do suplicante infundia

compaixão. Sujo de lama quase até a cintura, todo rasgado, com escoriações pela face, era um destroço humano. Eugênio se compadeceu, mas quis se divertir à custa dele, apontando-lhe ao peito o cano de uma velha garrucha vazia, dizendo-lhe que era chegado o seu último momento.

Aqui cessa o papel do narrador, porque a decência exige que calemos o que se seguiu à ameaça. O certo é que o portuguêsinho ficava fulo de raiva, quando se aludia a esse fato.

João das Chagas

O SANTO EREMITA

Há quase cinquenta anos que ele assombrava, com as suas austeridades, o deserto inóspito da Tebaida.

Em sua vida penitente, chegara a tal grau de santidade, que os pássaros lhe pousavam, confiadamente, nos ombros adustos, e as feras lhe lambiam, reverentes, os pés encarquilhados.

Naquela solidão alpestre de monte e penedia, transcorreram-lhe a maior parte da vida.

Era bem moço, quando, abandonando o convívio social a convite do Mestre Divino, ali se refugiara.

Ninguém havia pensado, até então, em habitar aquele solo ingrato, sobre que a maldição de Deus parecia pesar, tremenda.

Fora-lhe o primeiro.

Ali se lhe inteiriçara o corpo ossudo e magro; ali se lhe enovelara a barba mosaica; ali perdera a plástica do homem civilizado, transformando-se no homem⁸⁷ primitivo, guedelhu-do, horroroso, tão selvagem no aspecto, que se imporia, com facilidade, ao respeito das feras, se estas⁸⁸ o não reverenciassem pela sua santidade.

São João Batista, no deserto, devia ser como ele.

A transformação do homem, no seio do *cosmos*, obedece a leis imutáveis do meio. Em face da natureza bruta, o homem acaba infalivelmente por identificar-se com ela.

Os músculos se lhe arredondam sob a pele tanada, espoucando em bossas como as raízes, do solo; a cabeleira alonga-se-lhe, emaranhando-se como frondes intonsas de árvores copadas; as pernas engrossam-se, espicham-se, encouraçadas de carepas; os braços esgalham-se como ramos verçudos; as mãos abrutalham-se, perdendo a delicadeza fresca dos contornos; os pés espriam-se, largos e caracachentos, sobre as alparcas de couro cru.

Mas se o corpo do eremita se transformara, ao contato selvático daquela natureza bárbara, sua alma se conservara sempre a mesma, moça e delicada, de uma mocidade que infundia saúde, de uma delicadeza que encantava.

Nas suas exaltações apaixonadas de amor, transportava-se, em espírito, ao céu; via Jesus, radiante de glória, olhando-o

⁸⁷ A palavra *homem* substituí a palavra *troglodita*.

⁸⁸ O demonstrativo *estas* substituí o pronome pessoal *elas*.

com aquele olhar profundo e doce, que na terra penetrava as almas; próximo dele, Maria Santíssima, com a sua linda coroa de rainha, na cabeça bem-aventurada⁸⁹; os apóstolos, embaixo; os santos, todos os santos; as virgens, os mártires, os confesso- res, os anjos...

Os dias e grande parte das noites, passava-os em ora- ções interminas, ajoelhado sobre a terra crua.

Pouco dormia. Quase não comia.

A sua refeição, pouca e má, que era a única no dia, constava unicamente de uma pouca de erva, que ele ia apanhar aos lesins dos rocados, e água fresca do púcaro.

Na sua vida íntima de união com Deus, tinha a vontade de tal modo submetida ao beneplácito divino, que não havia para ele acasos ou contratempos molestos.

As invernias bravas como os verões escaldantes, os ou- tonos louros como as primaveras verdes, acolhia-os ele⁹⁰ com as mesmas demonstrações de júbilo, as mesmas loas ternas de reconhecimento lhe brotavam dos lábios Àquele que é o autor sapientíssimo de todas as coisas.

Nunca as surpresas do maligno puderam desviar aquela existência angélica da linha reta da virtude.

Os monges da planície, que iam queixar-se-lhe das [ile- cebras] traiçoeiras do gênio do mal, ficavam maravilhados da

⁸⁹ A palavra *bem-aventurada* substitui, na entrelinha superior, a palavra *bendita*, que foi rasu- rada.

⁹⁰ O pronome *ele* é um acréscimo na entrelinha superior.

santa calma do ancião. E tinham aquilo por⁹¹ um dom especial do céu.

A princípio, vivia o santo eremita, esquecido dos homens, a louvar o Senhor, sozinho naquela asperidão de serra. Uma noite, porém, surge-lhe, inesperadamente, no terreiro, uma leoa, de pelo fulvo, ferida, arquejante, gemendo dolorosamente. Os olhos lacrimosos, que ela volveu para o eremita, tinham uma expressão tão doce de súplica, que o moveram logo à piedade. Alma sensível às misérias alheias, não podia ver uma dor, fosse embora em um animal, que não procurasse aplicar-lhe um paliativo qualquer. E foi com verdadeira compaixão pela fera⁹², que tomou o seu púcaro de água cristalina, trasfegou o líquido na mão e lavou-lhe⁹³ com ele, bem lavadinha, a ferida⁹⁴.

Aquela noite, que era uma noite abafada e quente, uma das quentes noites orientais, sem vento nem chuva, teve o caridoso eremita de passar sem água. A fonte ficava muito distante, na vertente oposta da montanha, e, para ir até lá, tinha que trilhar [cangostos] emaranhadas de urzes e ladeiras eriçadas de rebos ásperos.

Depois do curativo, carregou para dentro do seu animado eremitério, a fera exangue. Estaria, assim, ao abrigo de qualquer eventualidade desagradável.

⁹¹ As palavras *aquilo por* substituem as palavras rasuradas *isto como*.

⁹² As palavras *pela fera* são acréscimos na entrelinha superior.

⁹³ O pronome *lhe* é um acréscimo na entrelinha superior.

⁹⁴ Foram rasuradas as palavras *do arisco animal*.

Graças à sua solícitude, a leoa restabeleceu-se depressa. E em sinal de reconhecimento, nunca mais o quis abandonar, seguindo-lhe as pegadas por toda a parte, como um cãozinho manso.

Se ele ia à fonte, precedia-o, aos saltos, espaventando as serpes venenosas do leito fragoso do trilho; se saía à procura de erva, rondava-lhe os passos, não lhe sucedesse cair em alguma cilada das feras; se se punha a rezar, ela, agachada, as patas em cruz, ventre em terra, ficava a olhá-lo, enlevada, com os seus grandes olhos pacíficos, bebendo-lhe, na fisionomia seráfica, as expressões beatíficas dos êxtases.

À noite, montava guarda à humilde cabana do velho eremita.

A simplicidade montesina desse idílio cotidiano⁹⁵ foi, em breve, interrompida, com o aparecimento de uma visita incômoda⁹⁶.

Certo dia, um⁹⁷ cenobita, que vagava perdido na aspereza daquelas broncas penedias, foi dar carnalmente, ao eremitério ignorado do homem⁹⁸ de Deus.

Da pequena prática que com este teve, toda ela sobre coisas do céu, da vida austera do eremita, de tudo que viu e

⁹⁵ A palavra *cotidiano* substitui a expressão *de todos os dias*.

⁹⁶ As palavras *uma visita incômoda* substitui *visitas incômodas*, que foram rasuradas.

⁹⁷ As palavras *Certo dia, um* substituem a palavra *Um*.

⁹⁸ A palavra *homem* substitui a palavra *servo*, que foi rasurada.

ouviu, concluiu lá consigo que estava diante de um verdadeiro servo⁹⁹ de Deus.

No outro dia, andou ele pelo deserto¹⁰⁰, de cenóbio em cenóbio, a contar aos seus companheiros admirados, o teor de vida penitente do santo varão.

Na justa curiosidade de conhecerem de perto homem tão prodigioso, muitos deles empreenderam, sem mais demora, na manhã seguinte, a árdua viagem ao monte.

Não havia o menor exagero na narração do companheiro. Tudo o que lhes dissera a respeito do eremita, era a pura verdade.

Aquela vida não parecia mais terrena, tão desligada se achava das coisas perecedouras deste mísero planeta subllunar.

A miséria santa, a última miséria, refletia-se por toda a parte, no seu já meio descolmado eremitério.

Folhelho de palha amarelenta servia-lhe de leito, nas escassas horas de repouso. O travesseiro era um jirau sórdido, que acumulava ainda as funções de banco¹⁰¹.

O púcaro, colocado a um canto, demonstrava, na crosta sebácea, que o forrava externamente, a passagem dos anos.

Era toda a sua riqueza, na terra, inclusive um cajado, a que se abordoava quando saía, e uma panela de barro, em que cozia as suas ervas.

⁹⁹ As palavras *um verdadeiro servo* substituem as palavras *um homem, rasuradas*.

¹⁰⁰ As palavras *pelo deserto* são acréscimos na entrelinha superior.

¹⁰¹ Foram rasuradas as palavras *de sentar*.

O hábito caía-lhe aos pedaços, descobrindo-lhe, a intervalos, nas carnes anquilosadas, os sulcos profundos que as disciplinas cavavam.

À tarde, regressaram¹⁰², a alma nadando-lhes nas mais vivas consolações. Haviam, em verdade, conhecido um justo.

Levada por essas testemunhas insuspeitas, a fama da santidade do eremita espalhou-se, rápida.

Os carreiros, emaranhados de urzes, transformaram-se depressa em leitos de caminhos largos. Raro era o dia, em que, a consultá-lo sobre coisas da vida espiritual, não subisse um cenobita aquelas escarpas íngremes. E os seus conselhos salvaram, e as suas palavras eram palavras de vida eterna.

Das margens do Mediterrâneo às ribas do Mar Vermelho, o seu nome corria, engrandecido pela fama dos milagres, nimbado por essa espécie de admiração reverente que só aos santos de Deus se costuma tributar.

Caravanas de peregrinos vinham, de remotas paragens, pedir-lhe o milagre da sua cura. E ele atendia a todos, ricos e pobres, com a mesma terna solícitude, bondoso e compassivo.

A sua amiga e irmã¹⁰³ leoa é que não gostava muito dessas visitas importuna. Às vezes, à aproximação de gente, punha-se a rosnar, em atitude agressiva¹⁰⁴. Era preciso que o cenobita a aquietasse.

¹⁰² Foi rasurada a palavra *quando*, que antecede no manuscrito à palavra *regressaram*.

¹⁰³ As palavras *sua amiga* e *irmã* são acréscimos na entrelinha superior.

¹⁰⁴ As palavras *atitude agressiva* estavam no plural, mas foi rasurada a letra *s* final.

* * *

Anos passaram.

A devoção ao santo aumentava, dia a dia.

Um beduíno que descia, vagaroso, ao pino do sol, as faldas alpestres da montanha, trouxe a dolorosa notícia de que o santo varão estava moribundo. E logo todos os anacoretas, que faziam vida penitente nos desertos inhóspitos da Tebaida, aboroados aos seus cajados, puseram-se a caminho, para assistir ao feliz traspasse do santo servo de Deus.

Subiram a estrada fragosa, cantando e louvando ao Senhor pela graça imerecida que lhes ia conceder.

Encontraram-no deitado sobre a palha encardida, com a face voltada para o céu, orando.

Ajoelharam-se¹⁰⁵ em redor dele em redor dele, crentes de que iam presenciar um passamento auspicioso, a uma cena empolgante, que lhes havia de servir de estímulo duradouro à sua vida de mortificação. E, enquanto esperavam a feliz hora, repassavam, cheios de unção, entre os dedos nodosos, as grossas¹⁰⁶ contas¹⁰⁷ dos seus benditos rosários.

Uma lividez mortal estampou-se nas faces engelhadas do enfermo.

A agonia começava.

¹⁰⁵ As palavras *Ajoelharam-se* substituem as palavras *Os solitários ajoelharam-se*, que foram rasuradas.

¹⁰⁶ A palavra *grossas* é um acréscimo na entrelinha superior.

¹⁰⁷ A palavra *bendidas*, que seguia à palavra *contas*, foi rasurada.

Dos lábios dos cenobitas irrompeu então, entre soluços e lágrimas, a oração¹⁰⁸ dos agonizantes. E essa oração, cantada¹⁰⁹, ao compasso rítmico daquelas vozes verdadeiramente arcangélicas, na calma agreste da tarde lutuosa, ondulava no ar morno como uma música celeste, subia em espias suaves, espalhava-se no espaço, transfundia-se nas ondas sonoras, impregnando as almas, as árvores, os rochedos, toda a paisagem vespéral de uma tristeza doce, que o crepúsculo sobremaneira¹¹⁰ aumentava.

No seu leito de palas sujas, o moribundo abria desmedidamente os olhos, escancelava a boca, que a barba hirsuta sombreava, com os dedos hirtos arrepelava a cabeleira intonsa, na atitude aflitiva de quem luta contra um pesadelo importuno.

Alguma coisa de tremendo estava-se passando nos escaninhos da sua¹¹¹ alma.

As faces encarrilhadas contraíam-se lhe em longos espasmos, as pupilas faiscavam-lhe, em relâmpagos de pavor sob as cerdosas pálpebras inquietas, o peito ossudo arfava-lhe sob a estamenha rafada, em contornos agudos.

O agonizante parecia estar¹¹² assistindo a alguma cena dantesca. Era o momento solene do seu julgamento.

¹⁰⁸ As palavras *a oração* substituem as palavras *De profundis*, que foram rasuradas.

¹⁰⁹ A palavra *assim* foi rasurada, depois de *cantada*.

¹¹⁰ Esta palavra *sobremaneira* foi acrescentada na entrelinha superior.

¹¹¹ A palavra *sua*, acrescentada na entrelinha superior, substitui as duas sílabas finais da palavra *daquela*, que foram rasuradas.

¹¹² A expressão *O agonizante parecia estar* substitui a seguinte: *Tinha-se a impressão de que o agonizante estava*, com a rasura da maior parte das palavras e o acréscimo de *parecia*.

Diante dele, o Juiz indefectível examinava, com os seus olhos impassíveis, o fiel da balança, em cujos pratos estavam depositadas as suas obras boas e más.

O resultado do exame parece que não¹¹³ foi muito lisonjeiro para o eremita, porque ele continuava inquieto, agitado.

À vista dos monges admirados, travou-se então um diálogo animado, entre réu e Juiz, diálogo que devia ser terrível, a julgar pelas palavras que ouviam da boca do moribundo:

– Cinquenta anos de penitência não vos bastam, Senhor, para apagar essa culpa da mocidade?

– ...

– Mas os cinquenta anos, passados nas agruras deste ermo, entre jejuns contínuos, cilícios ásperos e orações interminas?

– ...

– Então, a fome e a sede, a que, para expiação dessa culpa, tanto tempo me impus, e que me transformaram de homem vigoroso nesta carcaça andrajosa de velho doente, as macerações formidolosas que pratiquei em minha carne, durante cinquenta anos, de nada valem?

– ...

– E as longas noites de orações ao relento, às soalheiras adurentes?

– ...

¹¹³ O pronome *lhe*, que antecedia o advérbio foi rasurado

– Mas, a vossa promessa, Senhor? Não disseste que a receberia como feita a vós, a esmola dada ao pobre, que um copo de água, dado em vosso nome, não ficaria sem recompensa no céu? A quantos não socorri eu com esmola dos meus conselhos?! A quantos não dei de beber da água pura da vossa santa doutrina?

– ...

– Misericórdia, Senhor, só na vossa misericórdia acho refúgio. Se os cinquenta anos de vida penitente, no cimo agreste destas escarpas, não satisfazem à vossa justiça ultrajada, lembrai, ao menos, que sou uma ovelha das que remistes com o vosso preciosíssimo sangue, na árvore sacrossanta da cruz. Pelo vosso sangue, perdoai, pois, a este servo ingrato.

Depois, quedou-se imóvel sobre o fofu leito de palhas sórdidas. Um sorriso de triunfo, de infinito júbilo, bailava-lhe à flor dos lábios. O seu semblante, iluminado, cintilava nas¹¹⁴ irradiações de uma graça fresca, extraterrena, toda celeste. Os olhos adquiriram um brilho novo, um brilho de quem já não pertence a este mundo. A alegria do céu, a certeza de que ia viver, eternamente, lá em cima, junto aos tabernáculos augustíssimos do Senhor dos exércitos, operava nele uma transformação completa. E foi no maio dessa alegria ruidosa e comunicativa, que a sua bela alma se despendeu do invólucro carnal, voando para o seio de Deus.

¹¹⁴ A palavra iluminado, cintilava nas substituem as palavras iluminava-se às

Os monges, mal voltados a si da surpresa daquele diálogo metuendo, choravam comovidamente. Mudos, tristes, retomaram os seus báculos, desceram a encosta, batendo nos peitos, a formular, cada um para si, intimamente, a mesma pergunta inquietadora: se um santo, como¹¹⁵ aquele eremita, fora julgado por Deus com tamanha severidade, que seria deles? Uma resolução avigorou-se¹¹⁶ neles: – apertar o mais possível os rigores da vida ascética. E foi assim que a Tebaida assistiu ao renovamento do fervor cristão, assombrando o mundo com as práticas rudes da sua disciplina austera.

¹¹⁵ Foi rasurado a forma verbal *era*, que precedia a palavra *aquele*.

¹¹⁶ As palavras *Uma resolução avigorou-se* substituem as palavras *Um pensamento absorvia-os, uma resolução se avigorava*.

ALMAS PENADAS¹¹⁷

Já, por certo, leitor, ouviste falar nas célebres aparições de almas do outro mundo, que a imaginação fecunda dos nossos sertanejos descobre em cada porteira que se levanta no leito dos caminhos, em cada moita que se insula ao contato das outras árvores, em cada encruzilhada que se bifurca, em cada cruz que dilata os seus toscos braços a suplicar do viandante a esmola de uma prece.

Coisas espantosas, coisas de arrepiar o cabelo, se ouvem pelos sertões, contadas sob os mais seguros juramentos, entrecortadas, a cada momento, pelas interjeições de uso comuníssimo entre os sertanejos: "Cruz" Credo" Ave Maria!"

A tropa marchava lentamente ao longo da estrada, no seu passo habitual, ao som compassado e monótono da campainha que tintinabulava suspensa do pescoço da *madrinha*.

¹¹⁷ Vão aqui as primeiras páginas do conto que o autor publicou no jornal Município, de Lavras – MG, que estão no número que saiu no dia 17 de fevereiro de 1924, com a indicação de que continuaria no próximo número.

Não tivemos acesso ao restante do conto.

Um dilúvio de sangue coloria as nuvens esbranquiçadas que orlavam a túnica do horizonte, para o lado do poente. Era a agonia do sol.

A um assobio mais forte dos tropeiros, as mulas arrancaram num trote apressado.

Era preciso que chegássemos ao rancho, antes que a noite nos surpreendesse. Dele distávamos seguramente uns oito quilômetros. Atravessávamos agora uma pequena floresta, formada de poucas, mas gigantescas árvores, ao estrídulo zangarreiio das cigarras. Os pássaros já se haviam acolhido aos seus ninhos. Apenas, uma ou outra juriti retardatária soltava, suspirosa, às brisas perfumadas da tarde, as endechas sentidas da sua viuvez abandonada.

Era a hora solene do *Angelus*, hora da tristeza e da saudade.

A alma do tropeiro sente-se nesta hora invadida de um sentimento novo, que ele mesmo não sabe explicar, um misto de alegria e de saudade. Alegria da viagem, porque é viajando que o tropeiro se julga feliz; saudade dos filhos e da mulher que deixou atrás, sem saber quando o seu mister, que é para ele um sacerdócio, lhe permitirá vê-los. O coração se lhe enternece e não obstante o cansaço da imensa caminhada do dia, o tropeiro canta, para espantar as mágoas, como ele diz, na sua linguagem bárbara, mas cheia de poesia, canções de tal poder evocativo e de uma unção tão doce, que as lágrimas nos reben-

tam dos olhos. Parece que lhe anda na voz a própria alma calada pelos espinhos acerados da saudade. Pobre tropeiro!

Já os curiangos giravam, mirabolavam, aqui e ali, anunciando com o seu pio nostálgico e lúgubre de ave das trevas, a aproximação da noite. Esta chegou, com todo o esplendor de sua majestade olímpica, desenrolando as dobras do seu manto de veludo, recamado de pequeninas pérolas, sobre a crista das montanhas. Chegou mesmo ao tempo em que ganhávamos o rancho.

Com certeza, o leitor já conhece esses improvisados ranchos, erigidos à beira das estradas, para abrigo dos tropeiros.

Quatro roliços esteios, sustentando um teto de sapé, com duas divisões apenas; uma, de estuque, ao fundo, destinada ao descanso dos tropeiros; outra, voltada para o caminho, sem paredes, servindo de depósito para os arreios.

Há um momento em que todos se empenham com ardor igual no trabalho: é no descarregamento das azêmolas. Desapertam-se correias, afastam-se cangalhas, tiram-se cabrestos e tudo é colocado, com regularidade e ordem, no interior do rancho. Aceso o fogo, coisa imprescindível em tais circunstâncias, com gravetos chapotados ali mesmo, começaram os tropeiros a preparar a ceia, que constou, exclusivamente, de carne seca, queijo e uma pouca de farinha. Havia entre eles um, por nome Manoel Tropeiro, velho capataz da fazenda, homem

destemido, mas cheio de superstições, que conhecia muitos casos de aparição de almas do outro mundo.

Eu, que ardia em desejos de ouvi-lo, finda a ceia, supliquei-lhe que nos contasse alguma história de almas do outro mundo.

O velho não gostou do pedido, tal como lhe foi formulado. Aquele *história* soou aos seus ouvidos como alguma coisa de fantástico, que ia tirar, aos seus casos, toda a veracidade que ele lhes emprestava.

Notei-lhe esse movimento instintivo de aborrecimento e logo corrigi:

– Um caso de aparição de almas, bem verídico, desses que o senhor sabe...

Recobrou logo o bom humor habitual. Era o ponto vulnerável do Manoel Tropeiro. Gostava de ser ouvido. Esboçasse o ouvinte, no meio da narrativa, um sorriso de incredulidade e o Manoel Tropeiro logo estourava em invectivas contra ele: Que fosse para o diabo! Que se não acreditava, para que lhe foi pedir que contasse! Que nunca mentiu em sua vida! Que detestava mais a mentira do que a lepra! Que tinha graça, ele, um homem de barba branca, a contar histórias de Carochinha!

Ouvi-lo, porém, com atenção, convicto do que ele contava, era um prazer singular para o Manoel Tropeiro. Desfazia-se todo em circunstâncias de lugar e de tempo; detinha-se em descrever as cenas mais variadas, com uma facilidade de cau-

sar admiração; descia às mínimas particularidades; era infatigável.

O pequeno auditório, composto de cinco pessoas, acorrido sobre os calcanhares, esperava ansioso, a palavra autorizada do velho tropeiro.

Manoel repassou, um instante, pela memória, os casos mais sensacionais de aparição, e, feita a escolha, começou a narrativa.

João das Chagas

(Continua.)

UM NAUFRÁGIO¹¹⁸

As ondas afagam docemente a quilha que deixa, à sua passagem, uma esteira de espumas.

O céu e o mar se confundem, ao longe, no amplo horizonte. Duas imensidades que se estendem indefinidamente, a perderem-se de vista.

A tripulação se empenha no seu labor cotidiano, com a calma habitual das horas sem tormenta.

Reina a alegria dentro, a alegria dos que se vão, lentamente, aproximando do lugar de destino.

Gaiivotas riscam o ar, em voo incerto, anunciando a perspectiva de terra, não muito longe.

Alguns passageiros sobem ao convés e procuram, com os respectivos binóculos, descortinar a costa, que margeiam.

O ar é transparente e puro.

¹¹⁸ De um original manuscrito, a lápis. É quase certo que não estava concluído. Possivelmente inspirado nos relatos do naufrágio do transatlântico *Princesa Mafalda*, em 25-10-1927.

Uma brisa mansa agita o cordame, num doce e abafado sussurro.

Inesperado abalo arranca a todos daquela espécie de embevecimento em que decorria a vida a bordo, lançando-lhes na alma presságios funestos.

Surgem oficiais recomendando calma aos passageiros, de quem começa a apoderar-se o pânico.

Nos alçapões, afadiga-se a equipagem em conjurar o perigo, acionando as pesadas bombas, que são impotentes para dar vazão à água que entra em jorros. Outras medidas tendentes a evitar o alagamento são postas em prática sem nenhum resultado. Marinheiros trabalham com água pelos joelhos.

Compreendendo a inutilidade de qualquer esforço nesse sentido, surge a figura olímpica do capitão, que ordena o abandono do navio.

Cenas indescritíveis desenrolam-se, então, a bordo.

Pessoas, em desespero, abraçam-se, resolvidos a morrerem juntas; outras erguem os braços ao ar, como a se despedirem de entes distantes, com grandes lamentos. Seus gritos e imprecações confundem-se com a voz solene do capitão, que transmite as suas últimas ordens.

Em pouco, são arreados os escaleres. Os marinheiros recebem neles, um pouco desordenadamente, os primeiros passageiros.

Na ânsia de salvamento, ninguém quer esperar a sua vez. Há apertos e acotovelamentos, no tombadilho, próximo às escadas.

Passageiros mais arrojados atiram-se ao mar, munidos do necessário salva vida.

Alguns escaleres já desgarram, afastando-se do local, onde o grande transatlântico baloiça ainda, afundando-se pouco a pouco, nas águas esmeraldinas do oceano.

UM INCÊNDIO¹¹⁹

O incêndio irrompera, com uma violência assustadora. Nem dera tempo aos moradores do prédio para salvarem os trastes, que agora ardiam, em crebros estalidos.

Em breve, exalava o quarteirão inteiro, disputando as construções, palmo a palmo, aos ágeis bombeiros, que se faziam notar pela sua bravura espartana.

O povo pejava os passeios, amedrontado, assistindo ao doloroso espetáculo.

De quando em quando, um fragor surdo revelava o desabamento de uma parede ou de um teto, com estremecimento dos presentes.

As línguas de fogo pareciam redobrar de violência ao contato das colunas de água que, incessantes, jorravam das mangueiras.

¹¹⁹ De um original manuscrito, a lápis.

Rolos de fumaça erguiam-se no espaço, levando, na sua fúria avassaladora, fagulhas, que riscavam, de clarões vermelhos, a noite tetricamente negra.

Era um quadro dantesco.

Ouviam-se choros e lamentos. Eram as pessoas que a desgraça atingira, roubando-lhes os tetos e as economias, acumuladas com longas canseiras e constantes privações. Naquela fornalha ardente que ali tinham diante dos olhos, contemplavam à morte de todas as suas ilusões.

O futuro já se lhes desenhava, negro e horrível.

Não podendo extravasar, em lágrimas, a dor que lhes confrangia o peito, outras havia que apresentavam um ar imbecilizado, com um sorriso idiota a bailar-lhes nos lábios, acentuadamente pálidos.

Sobrepondo-se ao crepitar do clamor, um grito rouco de desespero abala os espectadores. Era uma criatura que se debatia, no último andar de um prédio, onde mais violento lavrava o fogo.

Há um momento de indecisão, que precede ordinariamente, nos lances perigosos, as grandes resoluções.

Súbito, um bombeiro [aparece], denodado e sublime, para o prédio em chamas. Era a encarnação perfeita do heroísmo. Aos olhos de todos que o contemplam, numa espécie de pasmo, ele se afigura um desses heróis que o gênio grego costumava elevar às raias da divindade.

Mergulha naquele inferno vermelho, onde a fumaça sufoca e o fogo abrasa e calcina.

Há um momento de expectação dolorosa que se prolonga indefinidamente.

O herói não regressava.

É que, nas ações daquele abismo incandescente, encontrara o túmulo digno de sua coragem indômita.

O SOL¹²⁰

É o centro do nosso sistema planetário.

Os antigos, iludidos pela aparência do movimento, pensavam que a terra estava fixa e que o sol girava em torno dela.

Galileu, com a experiência do pêndulo, demonstrou o contrário. É a terra que se movimenta em torno do sol.

Além da luz que ele nos dá, permitindo-nos a visão das coisas, ministra-nos o calor necessário à vida dos seres animados.

Nos polos, se falta a luz do sol, há, em compensação, as auroras polares, que aclaram suficientemente os horizontes, tornando possível o trabalho do homem.

Ele foi objeto de um culto especial dos antigos. Os gregos adoravam-no sob a denominação de Apolo.

É o relógio dos pobres, marcando-lhes as horas de trabalho e de repouso.

A natureza parece triste no dia em que ele não aparece.

¹²⁰ De um original manuscrito, a lápis.

Os pássaros despertam para saudá-lo, os animais buscam os pascigos verdejantes; os homens dirigem-se ao campo.

Enfim, com a volta do sol, pela manhã, tudo se reanima.

O trabalho recomeça.

DEUS¹²¹

A ideia de Deus existe em todos os povos, às vezes imperfeitamente.

Podemos encontrar povos sem leis, sem forma definida de governo, sem hábitos regulares de vida, mas jamais descobriremos um que não tenha a concepção embrionária de um agente sobrenatural, de um ser perfeito a que preste culto.

Seja o Faraó do Egito ou o Ormuz da Pérsia, o Melcarte da Fenícia ou Zeus dos gregos, o Júpiter dos romanos ou o Deus dos cristãos, não importa o nome, a ideia da divindade ressalta logo à primeira vista.

A existência de Deus é necessária para explicar esses problemas que são eternos pontos de interrogação para a nossa inteligência, como a criação da matéria, da alma, da harmonia admirável que se nota no universo.

A religião cristã é a mais perfeita de todas, porque dá de Deus uma imagem mais perfeita.

¹²¹ De um original manuscrito, a lápis.

Atribui-lhe, com justiça, todas as perfeições. Não era mister que Deus se tivesse revelado ao homem, para ter este uma noção dos seu predicados. A própria razão humana os descobriria na extraordinária obra da criação.

MINHA TERRA

Há quem ponha em dúvida a lenda do poeta polaco, de que os animais, ao sentirem a aproximação da morte, procuram o torrão natal para aí dormirem o seu último sono. Não me conto nesse número. Antes, tenho para mim, como muito provável, que isso aconteça,¹²² porque a atração do torrão natal, ao menos para o homem, é um fato incontestável. Com efeito, a terra do nosso nascimento exerce sobre nós um verdadeiro fascínio, que não amortecem, muito menos obscurecem as impressões posteriores, colhidas aqui e ali, em outras paisagens, pela vida afora. Assim, não admira que muitos, em seu último desejo, manifestem a vontade de repousar em local onde passou a infância.

Não é um simples motivo poético o que ecoa os bardos a cantarem as belezas de seu berço, a exaltarem os encantos do rincão¹²³ onde abriram os olhos para o mundo. É um sentimento mais profundo, que tem¹²⁴ raízes subterrâneas e que se iden-

¹²² Foi rasurada a expressão *de fato*, entre as palavras *isso* e *aconteça*.

¹²³ Foi rasurado o possessivo *seu* que antecedia a palavra *rincão*.

¹²⁴ A palavra *tem* substitui a palavra *encontra*, que foi rasurada.

tificam com a própria natureza humana. Não é de outro modo, que se explicam as endechas sentidas de um Gonçalves Dias ou de um Casimiro de Abreu, quando, ausentes da pátria, extravasaram as suas saudades em verdadeiros hinos de louvor à terra em que nasceram.

A filosofia imediatista dos que proclamam a veracidade do axioma latino – *Ubi bene, ibi patria* – não tem sentido. Contrapõe-se aos ditames da alma humana, sempre apegada às impressões da primeira infância.

Estas reflexões me ocorrem justamente no momento em que se festeja mais um aniversário de minha querida e amada cidadezinha de Pádua, tão esquecida dos poderes públicos, mas tão cheia do afeto de seus legítimos filhos.

Não se desvaneceram de meus olhos os quadros poéticos de sua vida pacata; de suas fontes milagrosas; de seu jardim assombreado por velhas árvores, onde, a seu lado, avulta a igreja matriz, toda caiadinha de branco; de seus grupos escolares e ginásios, que tantas gerações têm preparado para a vida; de suas casinhas modestas, mas confortáveis, ainda não deformadas pelo gosto extravagante da arquitetura moderna. Emoldurando esse painel esplêndido, as colinas verdes, de seu verde carregado, a provar a exuberância de vegetação, em contraste flagrante com o azul de seu céu sem nuvens.

Esse panorama, entretanto, já de¹²⁵ si encantador, não estaria completo, se lhe faltasse a ponte que liga as duas partes

¹²⁵ As palavras *entretanto* e *de* substituem a outras duas palavras que foram rasuradas.

da cidade, onde casaizinhos jovens tecem os seus idílios, à tarde, enquanto o Pomba rola as suas águas cristalinas e mansas, o velho Pomba de tantas recordações, e que, se lhe faltam as ondinhas do Reno, não lhe mínguem as loas dos poetas que tiveram a ventura de vir ao mundo em suas margens.

Mais que tudo isso, uma referência especial merece a sua gente acolhedora, pacífica e laboriosa, que conserva as tradições de lhaneza, de bondade e de ternura, que bem refletem as qualidades intactas do povo fluminense.

Não me poderia furtar a essa homenagem, pálida embora, que daqui, da metrópole do Estado, rendo à minha cidadezinha inesquecível, sede do município onde nasci. Não me tachem os meus *conterrâneos*¹²⁶ de retrógrado, mas eu desejaria que a minha pequenina terra conservasse sempre aquele mesmo aspecto¹²⁷ simples e bucólico, que guardo na retina, desde a infância, e que a mão demolidora do progresso não lhe alterasse a fisionomia primitiva que é o¹²⁸ encanto das minhas reminiscências.

¹²⁶ A palavra *conterrâneos* substitui a palavra *patricios*.

¹²⁷ A palavra *aspecto* substitui a palavra *ar*.

¹²⁸ O artigo definido *o* substitui uma palavra rasurada.

O MAR

As ondas espreguiçam-se na areia, lambendo as pedras limosas da praia. Ao longe, impelida pelo vento, que canta nas velas, uma embarcação passa, saltando, na lombada das ondas. São os intimoratos pescadores, que vão mar em fora, em busca de peixe, que a civilização afugentou da baía e golfos adjacentes. Para espaiecerem a magia da saudade que os há de torturar dentro em pouco, cantam umas canções tristes, que soluçam aos nossos ouvidos, em queixas e lamentos.

A areia reb[orbu]lha¹²⁹ aos beijos quentes do sol; crianças brincam, acompanhando o vaivém contínuo das ondas; banhistas estiram-se de fio comprido, na praia, numa atitude suspeita de preguiça.

Outros se retiram, molhados, levando na pele requeimada sinais evidentes da longa permanência no banho.

O sol inclina-se para o ocidente. Desce a tarde, envolvendo tudo no seu albornoz de tristeza e luto. A praia está deserta.

¹²⁹ Por estar no ponto da dobra do papel, parte da palavra se apagou com o tempo.

Súbito, uma onda estoura, outra mais, mais outra. São as emissárias da ressaca.

Vagalhões pesados em breve¹³⁰ se precipitam de encontro ao cais, com um fragor de ensurdecer.

Espadanando-se da forte muralha de pedra que a encerra, a água vai molhar, nas ruas, as pessoas, que acorrem para assistir ao assombroso espetáculo.

Distante, um bote, quase desarvorado¹³¹, luta ainda contra a fúria do oceano, conspirado com o vento, na sua perdição.

O mar apresenta-nos o espetáculo eterno da vida, com as suas horas de calma e sossego, de revolta e inquietação.¹³²

¹³⁰ As palavras *pesados em breve* substituem duas palavras rasuradas.

¹³¹ A expressão *Distante, um bote, quase desarvorado* substitui *Ao longe, uma nau, quase desarvorada*.

¹³² O restante da folha foi utilizado para fazer anotações sobre uma "Estância 122" de algum poema não identificado.